

- **IGREJAS**
do nosso contentamento
- **LAGOAS PARK**
O trabalho num pedaço de paraíso
- **CONTO INÉDITO**
de Gonçalo M. Tavares



| ÍNDICE |



| ENTRE NÓS |



| DESTAQUE |



| A DOIS |



| OEIRAS COM ARTE |



| PROJECTOS DA AUTARQUIA |

- 03 INEVITÁVEL**
- 05 ENTRE NÓS**
LEMO, sempre do nosso lado
- 11 DESTAQUE**
Lagoas Park
- 15 VIVÊNCIAS**
Igrejas Caeiro: A voz que mudou a rádio
- 21 LAÇOS**
Lições de Vida
- 25 PARCERIAS**
*Grupo Mota-Engil:
Solidariedade sem barreiras*
- 29 A DOIS**
*Gonçalo Ribeiro Telles:
O poder local pode ser um monstro*
- 37 OEIRAS COM ARTE**
*Viagem de natal
(uma história quase para crianças)*
- 43 A NOSSA CAPA**
As Igrejas do nosso contentamento
- 51 CAUSA PÚBLICA**
*Centro de Coordenação
e Controlo de Tráfego Marítimo e Segurança*
- 57 OEIRAS IMAGINÁRIA**
Oeiras in vitro
- 63 INOVAÇÃO**
*José Pereira Leal,
investigador principal no IGC*
- 69 INESQUECÍVEL**
- 71 A ARTE DO SABOR**
Os Meus Verdes Anos
- 74 BIOGRAFICAMENTE**
Aquilino Ribeiro

| FICHA TÉCNICA |

DIRECTOR
Isaltino Morais

PRODUÇÃO
Elisabete Brigadeiro

EDITORA
Carla Rocha / crocha@cm-oeiras.pt

TEXTOS
Ana Henriques
Carla Rocha
Carlos Vaz Marques
Célia Garret Florêncio
Gonçalo M. Tavares
Guiomar Belo Marques
Luís Maria Baptista
Raquel Viana
Sónia Correia

FOTOGRAFIAS
Carlos Santos
Carmo Montana
Luis Maria Baptista
Albérico Alves

IDEIA GRÁFICA
Atelier Formas do Possível
www.formasdopossivel.com

PAGINAÇÃO
Atelier Formas do Possível
www.formasdopossivel.com

PROPRIEDADE
Município de Oeiras

IMPRESSÃO
Sogapal

TIRAGEM
20.000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL
86817/95

ISSN
1646-5970

EXECUÇÃO
Gabinete de Comunicação

<http://www.cm-oeiras.pt/>





Queremos ser o Concelho de referência no acolhimento de empresas e instituições ligadas às novas tecnologias, designadamente as que dedicam grande parte da sua energia à investigação e ao conhecimento.

Caro Município,

Esta Revista tem o propósito de levar até si o melhor que se faz em Oeiras.

E, grande parte das vezes, o que de mais importante é feito, não é, nem tem de ser, propriamente novo. **Uma das tarefas que a Câmara Municipal de Oeiras tem assumido, ao longo destes anos, tem sido a de preservar e reabilitar muito do rico património que nos foi legado.** Daí que tenhamos escolhido para capa desta edição um fresco da Igreja de São Pedro de Barcarena, uma das 3 Igrejas cuja recuperação a autarquia levou a cabo. Veja mais sobre o como e o porquê, no especial Capelas e Igrejas.

Do outro lado, está o centro empresarial Lagoas Park, símbolo do modelo económico que Oeiras escolheu e que agora aposta em consolidar e expandir. A ideia de fazer um Silicon Valley português, centro de excelência, onde os melhores dispõem das melhores condições, saiu do papel e está no terreno. Oeiras lidera já os principais indicadores económicos, à excepção de um ou outro, em que Lisboa impõe a sua dimensão de capital do País. Mas a ideia é não ficar por aqui. Queremos ser o Concelho de referência no acolhimento de empresas e instituições ligas às novas tecnologias, designadamente as que dedicam grande parte da sua energia à investigação e ao conhecimento. E vamos consegui-lo, como prova a experiência bem sucedida do Lagoas Park, Tagus Park, Quinta da Fonte, Arquiparque, Quinta do Marquês, Instituto Gulbenkian Ciência e tantas outras empresas e instituições espalhadas pelo concelho e de que daremos conta em próximas edições.

A presente Oeiras em Revista, traz-lhe isto e muito mais, com destaque para o conto inédito do escritor Gonçalo M. Tavares, uma oferta de Natal para os nossos leitores, a entrevista com o Arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles, autor do projecto de arquitectura paisagista de Nova Oeiras e o artigo de homenagem a Igrejas Caeiro, grande jornalista e um maior ainda município.

Desejo-lhe uma óptima Oeiras em Revista e, claro, um Feliz Natal!

O Presidente da Câmara

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Isaltino Morais', written over a horizontal line.

Isaltino Morais

CAFÉ COM LETRAS COM NOVA CONTEXTUALIZAÇÃO

Dirigido prioritariamente ao público adulto e juvenil com hábitos de leitura já constituídos, o projecto “Café com Letras” tem por objectivo a criação de um espaço informal de encontro dos leitores das BM com autores contemporâneos. Com uma periodicidade mensal, as dez sessões previstas para 2008 irão realizar-se nas três Bibliotecas Municipais de Oeiras, preferencialmente às quartas-feiras.

Esta iniciativa, seguindo a linha orientadora dos últimos anos, pretende constituir-se e consolidar-se como um projecto devidamente delineado, articulado em torno do livro, do escritor, da editora e do leitor a realizar em continuidade durante o ano de 2008, da seguinte forma:

1. O enfoque do projecto do próximo ano gravitará em torno das novidades editoriais. A abordagem a efectuar centrar-se-á muito mais na obra (para além da óbvia dimensão do autor), procurando encontrar um conjunto de vozes contemporâneas, as mais diversificadas possíveis, para além do cânone literário puro e duro. Esta nova abordagem permite, aliás, ir ao encontro de um propósito mais consentâneo com o discurso actual sobre a promoção da leitura e que é distrair, instruir e informar.

2. Para além do Encontro com o Autor que, no seguimento da estratégia até aqui adoptada, irá contar com um moderador, será dada continuidade à articulação com as editoras neste projecto, mas agora numa perspectiva mais acutilante.

Sessões já previstas:

Dia 30 de Janeiro, quarta, 21H30

Biblioteca Municipal de Oeiras

Ricardo Araújo Pereira dos Gato Fedorento (confirmado)

(a propósito do conjunto de textos humorísticos intitulados

“Boca do Inferno”, publicados pela Editora Tinta da China recentemente);

Dia 28 de Fevereiro, quarta, 21H30

Biblioteca Municipal de Algés

Richard Zimmler (confirmado)

(a propósito da obra “A sétima porta” publicada

pela Editora Asa recentemente);

Dia 26 de Março, quarta, 21H30

Biblioteca Municipal de Oeiras

Miguel Sousa Tavares (a confirmar)

(a propósito da obra “O Rio das Flores” publicada

pela Oficina do Livro recentemente);



LEMO

sempre do nosso lado

texto de Carla Rocha
fotos de Carlos Santos





Num mundo em constante mutação, com uma Natureza cada vez mais imprevisível, nascem e consolidam-se empresas que, mais do que facilitarem a vida, nos protegem de maiores danos e catástrofes. A LEMO, é exemplo disso, com o seu olhar atento na fiscalização de obras, análise de solos, criação de cartas geotécnicas, estudos morfológicos dos terrenos onde vivemos, trabalhamos ou, simplesmente, passamos, nem que seja, indelevelmente, uma ou outra vez na vida. É talvez pela sua contribuição tímida, não obstante de fundamental, que a LEMO é ainda hoje, 12 anos após o seu nascimento, desconhecida de muitos, mas respeitadora de tantos quantos, ao longo da sua (ainda) curta vida, sabem do seu profissionalismo, dedicação e competência. Para ficarmos por dentro de uma empresa que tem pouco mais do que 30 funcionários mas que é conhecida internacionalmente, falamos com o presidente Emanuel Martins que, ao longo dos últimos anos, viu sua vida confundir-se com esta empresa que defende fervorosamente.

Quando começou a sua ligação ao LEMO?

Em 1994 foi criado e era uma estrutura da câmara. Como estrutura camarária que era funcionava de modo a apoiar a autarquia, na área da fiscalização de obra, bem como em outras áreas, tais como a geotecnia. Em 2003 convidaram-me para fazer do LEMO uma empresa e eu aceitei e deram-me três meses para o fazer. Ao fim de três meses, o LEMO estava transformado numa empresa.

O que fazia o LEMO nessa altura?

Nessa altura fazia, sobretudo, alguns ensaios laboratoriais que foi a sua primeira actividade. Nessa altura, já tinha alguns dos seus ensaios certificados. Nós preocupamo-nos em fazer outro tipo de coisas, tais como certificar a empresa com as normas internacionais, não só a nível dos seus ensaios, mas também a nível de todas as suas actividades. O LEMO passou a ser uma empresa certificada e tudo o que faz está sujeito ao manual de procedimento. A partir daí, estava certificado, não só os seus produtos, bem como a empresa.

Como funciona actualmente? A câmara faz uma obra e pede para a fiscalizarem?

Quando a câmara tinha o LEMO como sua estrutura, o que era suposto é que a câmara desse a fiscalização das suas obras, dos ensaios que tinha de realizar, a essa sua estrutura. Mas isso não

acontecia, porque durante todo esses anos, o LEMO fiscalizou duas obras da câmara.

Mas qual o motivo dessa situação?

O LEMO é uma excepção, porque se se faz um parque de estacionamento, não se faz um concurso para gestão desse parque de estacionamento, dá-se a gestão à empresa de gestão de parques de estacionamento, no concelho de Oeiras seria para a Parques Tejo, e por aí a fora, ou seja, a única excepção é o LEMO, quer no caso da câmara de Oeiras como no caso da câmara de Cascais. Embora seja uma empresa inter-municipal, com as valências perfeitamente definidas na área da geotecnia, reconhecida em todo o país, a utilização que é dada ao LEMO pelas duas câmaras é, realmente, relativa.

Porquê?

Porque proliferam nesta área um conjunto de leis que se contradizem, e a câmara, muitas vezes, não tem a certeza que se entregar à empresa municipal que criou a fiscalização, se está ou não a transgredir o aspecto legal a que está obrigada. E o que acontece, é que o LEMO é obrigado a concorrer em pé de igualdade com outras empresas, em relação aos trabalhos das câmaras. Quando esta empresa foi criada exactamente para dar suporte a estas áreas.



Olhando para a evolução de clientes que vamos adquirindo ao longo dos anos, verificamos que trabalhamos com grandes empresas portuguesas. Trabalhamos com as maiores empresas da área da construção de norte a sul e já trabalhamos fora de Portugal, quer na Europa quer em África.

Quais as áreas de funcionamento do LEMO?

O LEMO tem, fundamentalmente, quatro áreas de funcionamento: fiscalização de obras, geotecnia que hoje é de facto das maiores actividades que o LEMO tem, patologia de edifícios, e o laboratório de ensaios materiais. Não obstante de outras actividades que faça pontualmente, tal como a formação. Mas falo das mais relevantes.

Noto algum descontentamento na comparticipação das câmaras com o LEMO...

A comparticipação das câmaras naquilo que o LEMO faz não é a que gostaríamos que fosse. Pois gostávamos que as câmaras funcionassem connosco numa lógica de empresa que trabalham para as câmaras.

Tem sido esse o seu maior desafio?

Sim, tem sido sempre sem o conseguir ultrapassar, não obstante de os presidentes de câmara terem dado indicações nesse sentido, às vezes os próprios serviços têm receio de poderem estar a infringir algum aspecto legal. E, para mim, não tem lógica, porque se se cria uma empresa para um determinado fim, então, criada que está a empresa, deve-se recorrer a ela.

Como é que o LEMO conseguiu sobreviver estes anos todos?

Tivemos que nos projectar a nível nacional, e até mesmo inter-

nacionalmente. Olhando para a evolução de clientes que vamos adquirindo ao longo dos anos, verificamos que trabalhamos com grandes empresas portuguesas. Trabalhamos com as maiores empresas da área da construção de norte a sul e já trabalhamos fora de Portugal, quer na Europa quer em África. Hoje há investidores privados interessados em entrar para o capital social da LEMO, ou seja, é possível que de futuro venha a ser uma empresa participada e não apenas uma empresa inter-municipal. É provavelmente esse o caminho, até para criar um quadro jurídico novo.

Vocês fazem acções de formação, o que demonstra a vossa aptidão e capacidade de ensinar.

Nós tivemos um pico de acções, mas elas sofreram mutações ao longo da sua existência, porque sentimos necessidades de as reformular, uma vez que eram longas e muitas vezes é complicado as empresas abdicarem de seus funcionários por um longo período de tempo. Começamos a segmentar estas acções tornando-as mais curtas, mais breves. E ao transformarmos as acções num curto espaço de tempo, houve um acréscimo no número de interessados. Gostaria de salientar que as acções de formação não visavam só e unicamente o exterior. Na verdade, preocupamo-nos com a formação interna, ou seja dos nossos técnicos. Técnicos que muitas vezes estão num patamar inferior, queremos catapultar para um patamar superior. Saliento que todos os pro-



Olhando para a evolução de clientes que vamos adquirindo ao longo dos anos, verificamos que trabalhamos com grandes empresas portuguesas. Trabalhamos com as maiores empresas da área da construção de norte a sul e já trabalhamos fora de Portugal, quer na Europa quer em África.

fessores das nossas acções de formação, são dos melhores que há em Portugal.

Facultam estágios?

Temos relações com escolas profissionais e algumas faculdades resultando desta interacção estagiários, que só não são em maior número, porque as instalações que possuímos não o permitem. Alguns dos funcionários que temos no terreno vieram dos estágios que proporcionamos.

Quantos funcionários?

São à volta de trinta e três funcionários.

Como corre o acordo com a Sanest?

O acordo com a Sanest é da área da geotecnia, avaliação do terreno. No entanto, a Sanest não lançou tantos trabalhos como tinha previsto em relação aos dois anos que tínhamos de contrato. Tam-

bém temos um acordo com a Parques Tejo, quer do ponto de vista geotécnico, quer da fiscalização da própria obra. Temos imensas empresas que têm protocolos exclusivos connosco, até porque somos uma empresa que dá garantias.

Está concluída a carta geotécnica de Oeiras?

Sim, já está. Vai ser entregue à câmara formalmente. E, espero, dentro de alguns meses, apresentar a de Cascais. As cartas geotécnicas de risco que fizemos para as câmaras de Oeiras e Cascais abrirão um precedente, pois estou em crer que todas as restantes câmaras do país vão querer também tê-las. Mas tenho de salientar aqui o trabalho da Município, porque se nós fazemos o trabalho técnico, e conseguimos imputar-lhe todo o rigor, só o conseguimos porque temos um acordo com a Município que nos permite trabalhar com eles, e o alto nível em cartografia que a Município conseguiu alcançar, é um grande suporte para o LEMO.

E somos ou não um concelho em risco?

Como deve saber, toda a área da zona metropolitana de Lisboa tem situações morfológicas que convém serem calculadas e conhecidas, mas temos de informar que há a garantia que, quando se planeia, quando se desenvolve uma obra, sabe-se em que zona é e que tratamento se deve ter em conta.

Todos os prédios construídos tem de ter fiscalização, seja feita por vocês ou não?

Sim, é obrigatório. A fiscalização de obras é obrigatória por lei. Ou pelo menos a vistoria. Todas as obras são vistoriadas pela câmara que faz esse trabalho e fá-lo bem.

Como decore o programa realizado com a Câmara de Oeiras, que se chama «Qualidade em Andamento?»

Vamos dar-lhe um empurrão, porque por vezes é uma qualidade que começa em andamento e depois acaba por ficar parada. E digo-o não porque haja mal vontade dos serviços, nada disso, mas por vezes os procedimentos a que se está habituado, os hábitos adquiridos levam a alguma inércia, ou dificuldade em inculcar novos andamentos. Portanto, este programa pontualmente anda, mas a maioria das vezes está parado.

A que é que se destina este programa?

Pode-se fazer uma estrada com muita boa qualidade. Depois, acontecem uma série de intervenções, e rasgam, remendam, desfazem, e fazem desta ou daquela maneira de forma a que, muitas vezes, não se analisam os materiais. E ao abrigo deste programa, a LEMO analisa os materiais e todas as intervenções realizadas na via viária é efectuada com grande rigor.

Está a gostar de presidir esta empresa?

Eu não sou presidente executivo, porque não me é permitido tendo pelouros atribuídos enquanto vereador, mas quando me convidaram a vir para o LEMO, estava em causa desenvolver uma imagem de uma empresa e desenvolvê-la. Foi um desafio que, desde logo, abracei e confesso que me afeiçoei a esta empresa.

Primeiro estranha e depois entranha?!

Exactamente.

O que espera num futuro próximo?

Sabe que o futuro, para mim, é sempre o dia de amanhã. Espero que, um dia destes, possam as câmaras de Oeiras e Cascais ter orgulho por terem criado um instrumento de grande qualidade. São câmaras que dependem de si próprias e não de terceiros, para garantir a qualidade. E isso, deve dar-nos uma grande satisfação e espero que, no futuro, assim seja entendido. ♥



Espero que, um dia destes, possam as câmaras de Oeiras e Cascais ter orgulho por terem criado um instrumento de grande qualidade. São câmaras que dependem de si próprias e não de terceiros, para garantir a qualidade.

| DESTAQUE |



LAGOAS PARK

Quando o trabalho acontece num pedaço de paraíso

texto de Carla Rocha
fotos de Teixeira Duarte



O lagoas Park tem um espaço verde que, visto do céu, tem a forma de uma árvore. É uma árvore parecida com aquelas que os mais pequenos desenham, simples e com bicos laterais aos quais, nesta altura do ano colocam, estrategicamente, umas bolas e pinhas penduradas, perfazendo uma linda e mágica árvore de Natal. Nada mais adequado a um espaço onde o trabalho anda de mãos dadas com o prazer. Um lugar criado para que as grandes empresas se sintam eloquentes e as pequenas parecem ter uma dimensão à escala do seu belo prazer.

Diariamente, dois mil e seiscentos e noventa e quatro (2694) colaboradores chegam ao Lagoas Park para mais um dia de trabalho. Estrategicamente pensado fora de portas da cidade, mas perto da capital, pleno de acessibilidades, os colaboradores não têm dificuldades de mobilidade e depois de lá estarem, não têm grandes motivos para saírem. Ginásio, estética, creche, cafés, restauração, espaços verdes, estacionamento, hotelaria, tudo existe e tudo foi pensado para que a vida empresarial, nomeadamente a produtividade, possa ser realizada sem contratemplos.

O plano do Lagoas Park abrange uma área de 55,8 ha, delimitado pela Ribeira da Lage e a Auto – Estada (A5). O seu nome é fruto dos mais de 8.500 m² de lagos e cascatas que foram criadas e integradas em 80.000m² de espaços verdes. E é em toda esta amplitude da Natureza que os edifícios construídos sobre a lógica da inovação, foram criados. A componente ambiental do empreendimento é uma das suas características diferenciadoras e aquela em que a Teixeira Duarte, empresa que detém a comercialização/ gestão do espaço, mais aposta, tendo consciência que o bem-estar e a qualidade de vida, produzem satisfação e contribui para uma maior produtividade.

A Teixeira Duarte tem um papel preponderante em todo o processo, tendo tido o loteamento e arquitectura a seu cargo, em conjunto com a Arquitrave. Relativamente, à Camara Municipal de Oeiras, teve a seu cargo o Plano do Parque também em conjunto com a

Arquitrave e é a estes três nomes a que se deve a autoria do projecto.

O Lagoas Park é um Office Park pensado, desenhado e construído para a realização de produtividade, bem como para o bem-estar das empresas, nomeadamente os seus colaboradores.

Todos os anos é realizado inquérito às empresas que actualmente residem neste espaço. O resultado revela-se, na sua grande maioria, em satisfação em relação às características, equipamentos e serviços que o Parque oferece. Estes inquéritos vêm ajudar a colmatar lacunas e revelam-se um grande auxílio no âmbito da política de qualidade que a empresa gestora preconiza. No ano corrente, foram publicados os resultados do mais recente estudo, e que incidiu sob uma amostra de cerca de 60 empresas (quase a sua totalidade) e de 1200 colaboradores. O resultado mostrou que nos diversos aspectos que caracterizam o Lagos Park, cerca de 94% merecem nota positiva e destes 94%, 70% foram classificados com um nível de Muito Bom e Bom. Estes resultados são fruto do empenho com que todo o Plano foi pensado e levado a cabo. João Amaral, general Manager da Toshiba Portugal e que está no Lagoas desde 2003, afirma: «O lagoas Park é, na minha opinião, o local mais agradável de toda a zona da grande Lisboa, tanto para trabalhar como para receber os nossos clientes». É notório o esforço de transformar todo o espaço num sitio onde, quem quer que lá entre e venha de onde vier e seja qual for a sua realidade, se sinta confortável.

Não existem critérios de selecção das empresas que queiram integrar o Parque, fruto de os edifícios terem sido pensados e desenhados para serem versáteis e capazes de serem ocupados por empresas de natureza distintas. No entanto, este Parque é essencialmente procurado por empresas multinacionais que normalmente necessitam de grandes espaços e que valorizam características como a proximidade ao centro de Lisboa, ao Aeroporto, bem como pelo facto de possuir 'entre portas' ofertas utilitárias, tais como Hotéis e Centro de Congressos que funcionam como apoio logístico aos negócios.

Das 80 empresas que actualmente estão instaladas, a Pfizer e a Teixeira Duarte – engenharia e construções, S.A., são aquelas que ocupam maior espaço físico de todo o empreendimento, nomeadamente cada uma ocupa cerca de 9% dos espaços de escritórios existentes.

A mais valia deste Parque resulta de um conjunto variado de factores, nomeadamente a sua localização e acessos, sem esquecermos as características técnicas dos edifícios, a diversidade dos equipamentos complementares e serviços de apoio, sem esquecer a vertente de qualificação urbana e ambiental que marca todo o empreendimento. Não obstante de ser um excelente sitio para se trabalhar, também tem deficiências que podem, a curto prazo, serem suprimidas, nomeadamente a escassez de oferta na parte da restauração. Segundo os gestores do Parque, os cerca de 10 restaurantes que actualmente existem, não são suficientes tendo em conta a procura que existe, obrigando a sair de portas colaboradores e convidados. Mas este 'handicap' está a tentar-se ultrapassar com a abertura de um novo espaço com cerca de 300m² prevista para o 1º trimestre de 2008. Localizado em Oeiras, concelho que centra em si mesmo vários Parques empresariais transformando-se num pólo de concentração de negócios em Portugal, a 15 minutos da capital, estes edifícios foram dotados de características técnicas, onde a tecnologia está ao serviço do conforto, da eficiência e onde se associa uma gestão actuante e integrada que permite obter significativas economias nos custos de exploração. Com 14 edifícios de escritórios, 11 dos quais já concluídos, o Lagoas Park integra também um hotel de 4 estrelas com 180 quartos e 2 suites, um centro de congressos com auditório com capacidade para 600 pessoas e 9 salas de reuniões, um health club dotado de ginásio, vários estúdios, piscina, sauna, banho turco e jacuzzi, um complexo desportivo especializado em futebol com 2 campos de relva sintética de última geração, um centro de estética, um colégio para crianças dos 3 meses aos 6 anos, uma galeria comercial com diversos restaurantes e 6.000 lugares de estacionamento, incluindo um parque de estacionamento público subterrâneo. Por todos estes motivos, é que de acordo com os actuais parâmetros de qualificação imobiliária neste segmento, tanto a nível nacional, como internacional, as principais entidades da área têm reconhecido no Lagoas Park, as características e as condições que fazem dele um dos mais completos Office Parks da Europa. E é aqui mesmo ao virar da esquina! 📍

A mais valia deste Parque resulta de um conjunto variado de factores, nomeadamente a sua localização e acessos, sem esquecermos as características técnicas dos edifícios, a diversidade dos equipamentos complementares e serviços de apoio, sem esquecer a vertente de qualificação urbana e ambiental que marca todo o empreendimento.

Notas Soltas:

Valores dispendidos pela Câmara Municipal de Oeiras na obra:

- 6.000.000€ (inclui rede viária principal, parque urbano, encargo do plano 50% do valor da obra; equipamento escolar)
- Autoria do Projecto: Plano: CMO/Arquitrave
 - Loteamento: Teixeira Duarte/Arquitrave
 - Arquitectura: Teixeira Duarte/Arquitrave

A operação de loteamento que integra a obra «Lagoas Park», foi aprovada em Maio de 2001, e abrange uma área de terreno com cerca de 27,79 há (correspondendo a 49,8% do Plano de Pormenor);



IGREJAS CAEIRO

a voz que mudou a rádio

Comunicador genuíno, iniciou a sua carreira no teatro, sua grande paixão. Multifacetado, os mais antigos recordam-no como o companheiro da alegria, o produtor dos diálogos do Zequinha e da Lelé, o entrevistador inteligente, o encenador rigoroso, o homem que nunca desistiu de sorrir, mesmo quando os ventos lhe foram adversos. Completou recentemente os 90 anos, metade dos quais tem vivido na casa que mandou construir em Caxias e é uma das mais emblemáticas do arquitecto Keil do Amaral. Dela avista o rio e o mar que lhe consolam o olhar e aquecem as muitas memórias de uma vida que tem vivido com entrega e uma imensa generosidade.

texto de Guiomar Belo Marques
fotos gentilmente cedidas pelo jornal "Correio da Linha"

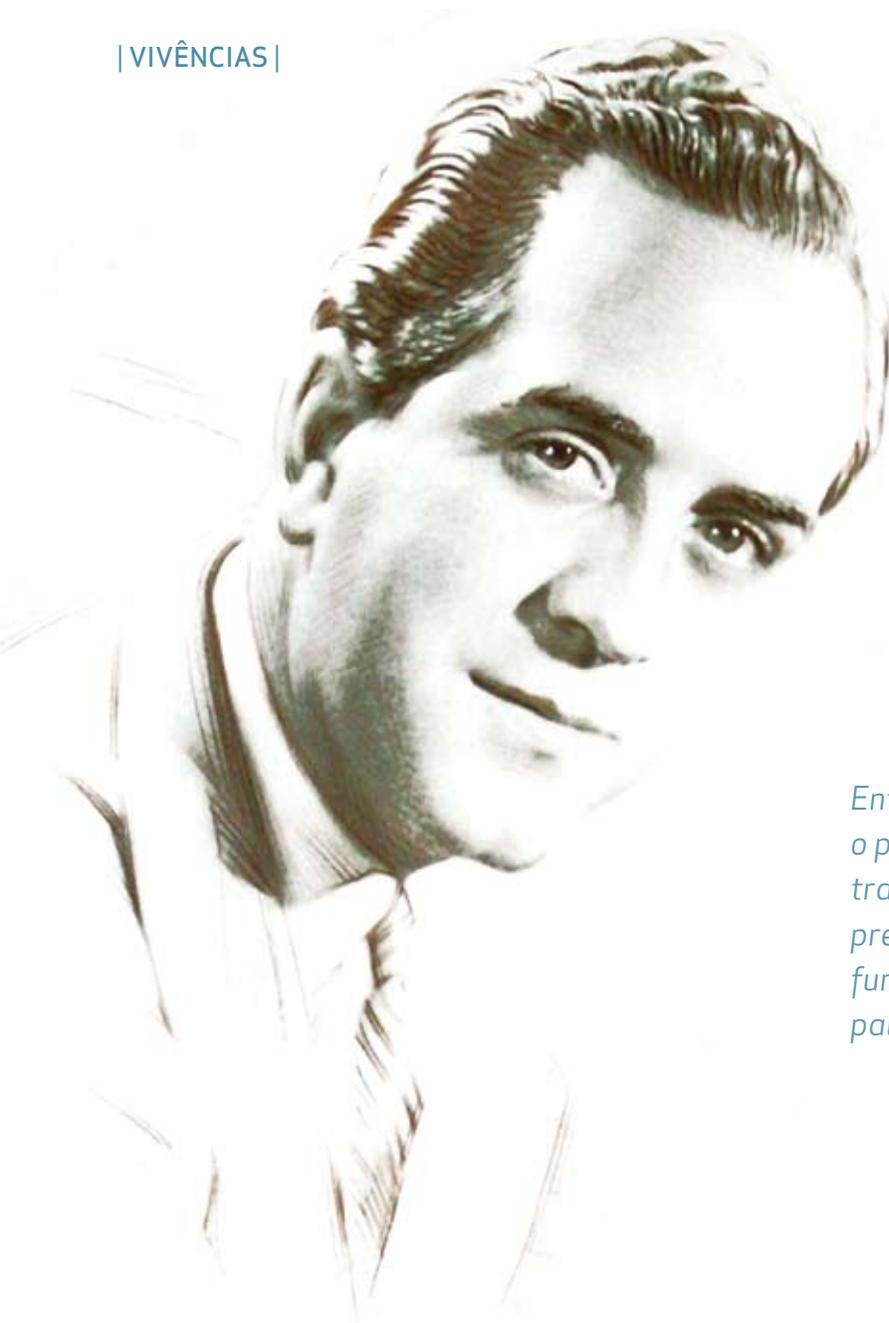
Francisco Igrejas Caeiro nasceu em Agosto de 1917, em Castanheira do Ribatejo, «uma terrinha pequena», como gosta de se lhe referir. Oriundo de uma família rural ribatejana, começou a trabalhar aos dez anos de idade, actividade que, contudo, jamais o afastou dos estudos, tendo completado o Curso Complementar na Escola Comercial Rodrigues Sampaio, na capital, após o que seguiu para o Instituto Comercial de Lisboa e para o Conservatório Nacional.

Acalentando o grande desejo de se tornar actor, concorre ao prémio À procura de um actor e de uma actriz, promovido pelo Teatro Nacional D. Maria II, Diário de Lisboa e Emissora Nacional. Obtém o 1.º lugar e estreia-se, em 1940, no Teatro Nacional, na peça O caso do Dia, de Ramada Curto, ao lado de Amélia Rey Colaço. Nesse mesmo

ano, interpreta o seu primeiro filme e é admitido, como locutor, na Emissora Nacional (EN). Durante os primeiros anos da sua actividade como actor, Igrejas Caeiro é convidado para fazer parte do elenco de dezenas de peças e filmes, desempenhando, em geral, papéis de relevo, como em Camões, Amor de Perdição ou O trigo e o Joio.

Permanentemente dividido entre a paixão pela arte de representar e o fascínio da rádio, através da comunicação que esta lhe proporciona, vai desenvolvendo dois caminhos paralelos que, em várias alturas da sua vida, consegue sintetizar. Três anos depois de ser promovido a locutor de 1ª classe, em 1945, é despedido da EN, juntamente com outros dez trabalhadores, por terem apoiado listas da oposição.

Em Maio de 1951, o jornal Diário do Norte, organizador da Volta a



Entre o riso e o sorriso, Igrejas Caeiro percorreu o país com este espectáculo/programa de rádio, transmitindo a alegria possível que o País, soturno, precisava. Uma alegria que Caeiro foi buscar ao fundo de todos nós para que pudéssemos ter um país menos triste.

Portugal em Bicicleta que vai neste então na sua XVI edição, propõe-lhe que crie um espectáculo para ser apresentado no final de cada uma das etapas. Apesar de começar por recusar o convite, a insistência do jornal produz os seus frutos, e Igrejas Caeiro, juntamente com a sua mulher de toda a vida, Irene Velez – filha da famosa actriz Elvira Velez – acaba por aceitar, criando uma estrutura inédita para a digressão. «Contactei o RCP para comprar espaço para uma emissão diária a partir das 22 horas. Programei tudo para um mês, dado que tinha pensado o concurso À Procura de Uma Estrela, seleccionando um concorrente em cada etapa, que estaria na final em Vila do Conde, com o prémio de oito dias de estada naquela localidade, com tudo pago», recorda o próprio, no livro *Telefonia*, da autoria de Matos Maia. «Verifiquei ser mais vantajoso, em vez de alugar transporte, comprar um pequeno autocarro, que foi encomendado à Renault, pensando que terminada a tournée facilmente o venderia. Contactei dois excelentes técnicos, o Álvaro Espírito Santo e o Ri-

bas, reuni um elenco muito popular de bons artistas e organizei um conjunto musical. Eu próprio e a Irene fomos a França para trazer o autocarro e ter a certeza de que estaria pronto para 11 de Agosto de 1951.»

OS COMPANHEIROS FAZEM-SE À ESTRADA

A Volta começou no Porto e Os Companheiros da Alegria estreiam no Cinema Carlos Alberto. Entre os artistas que com ele fundam esta aventura, Caeiro recorda «a Belita, Guilherme Kjoiner, Luiz Horta, Luiz Piçarra, que veio propositadamente de Paris, Maria Amélia Marques, Maria Odete Coutinho, Maria de Lurdes Resende, Maria Pereira, Mimi Gaspar e um quinteto constituído pelo professor Arnaldo Silvério, Francisco Carvalhinho, João Aleixo, Luiz Vilar e o professor Martinho da Assunção. A música e os versos de apresentação d'Os Companheiros da Alegria ainda hoje são lembrados e muita gente me saúda repetindo: Uma nota de quinhentos não se pode deitar fora. Pode dizer-se que Os Companheiros da Alegria

passaram a ter tanto ou mais interesse que a Volta a Portugal.» Não é de estranhar, portanto, que ao fim de um mês de grande sucesso, a Volta dos Companheiros tenha terminado com uma enchente de público e os convites para que levassem o espectáculo a outras terras chovessem um pouco de todo o lado. A dinâmica imprimida durante a Volta a Portugal, e que tivera directamente a ver com esta, acabaria por se prolongar por mais alguns anos. Para animar e renovar os espectáculos, decidiram, além dos concursos que sempre eram promovidos, passar a incluir momentos de teatro com episódios da Família Alegre, escritos por Ferro Rodrigues e Santos Fernando. Com a popularidade sempre a crescer, é encomendado um novo autocarro com 50 lugares, equipado com cozinha e casa de banho. No final de 1953, decide alugar o Teatro da Trindade, com o objectivo de aproveitar o êxito de Os Companheiros da Alegria e vir, posteriormente, a criar uma companhia de teatro cuja sobrevivência dependeria da publicidade radiofónica. Para o Carnaval de 1954, resolve apresentar uma opereta cómica, com música de Ferrer Trindade. «Com as lotações esgotadas para todos os espectáculos de Entrudo e já com grandes marcações para os dias seguintes, tudo se encaminhava para um êxito clamoroso, quando surge o histórico e malfadado despacho ministerial do professor Costa Leite proibindo-me de trabalhar e impedindo, não só os espectáculos, como toda a actividade que dependesse da Inspeção dos Espectáculos. Tudo isto por ter dito, numa entrevista concedida ao jornalista Rolo Duarte, para o jornal Norte Desportivo, em 11 de Fevereiro, que o pandita Nehru era o maior estadista da nossa geração. Foi um momento inesquecível de revolta e profunda tristeza, não apenas de todo o grupo. Milhares de entusiastas dos nossos programas, e principalmente das centenas dos que se apresentavam no Trindade para os espectáculos para que haviam adquirido bilhetes. Muitos recusavam o reembolso do que haviam despendido, em tocantes gestos de solidariedade perante esta prepotência e mesquinhez do regime autoritário e persecutório». Sobre essa longa caminhada, diria o seu amigo António Valdemar, muitos anos depois, durante uma homenagem que há três anos lhe prestou a Sociedade Portuguesa de Autores: “Entre o riso e o sorriso, Igrejas Caeiro percorreu o país com este espectáculo/programa de rádio, transmitindo a alegria possível que o País, soturno, precisava. Uma alegria que Caeiro foi buscar ao fundo de todos nós para que pudéssemos ter um país menos triste”. Para que nem tudo se perdesse, vendeu ao Benfica, seu clube de sempre, o autocarro das digressões, por preço simbólico. O clube da Luz tornava-se, assim, o primeiro do País a ter um autocarro.

SEM DEIXAR O SORRISO ESMORECER

Apesar de ver os seus projectos imediatos ruírem, Igrejas Caeiro não se deixa abater, até porque, apesar de estar proibido de trabalhar na área dos espectáculos públicos, não o estava noutras. Por isso, quando o Major Botelho Moniz, proprietário do Rádio Clube Português, lhe faz a proposta de, como produtor independente, con-



tinuar os seus Companheiros da Alegria, transformados, embora, em programa de cabina, nem pensa duas vezes.

A alteração do meio de comunicação com o público não o atrapalhou. A rádio não era exactamente um mistério, mas sim um campo de inúmeras possibilidades a desbravar. Pode dizer-se que a grandiosidade radiofónica e o pioneirismo hertziano de Igrejas Caeiro começam a revelar-se em toda a sua dimensão no RCP. Ao longo dos anos, vai introduzindo novas rubricas no programa, entre as quais O casal Caeiro dá-lhe uma ajuda, O parque infantil, As mais belas histórias de amor, A família Alegria, Ensaio Geral, O casal Caeiro conversa com o companheiro ouvinte acerca de literatura, Lições de História Universal. Mas as duas que mais marcaram foram, sem dúvida, Os diálogos de Zequinha e Lélé e O Perfil de um Artista, no qual Igrejas Caeiro entrevistou mais de trezentos artistas das diferentes áreas, num registo inovador e intimista. Entre os muitos colaboradores da área literária que convidou, destacam-se Manuela de Azevedo, Olavo D'Eça Leal, Mário Castrim, Manuel Mendes, Francisco Mata, Ferro Rodrigues, Santos Fernando, Nelson de Barros, Aníbal Nazaré, Artur Varatojo, Mário Domingues e Vasco Lemos Mourisca.

Em 1969, com a inauguração do Teatro Maria Matos, cuja direcção assume, os Companheiros da Alegria fecharam a cortina definitivamente.

SEMPRE EM BUSCA DE NOVIDADE

A par da direcção do Maria Matos, onde leva à cena grandes textos, a começar por A Relíquia, de Eça de Queiroz, é-lhe dada a oportunidade de colaborar com a RTP, como actor e realizador. Sopram ventos de mudança e é-lhe ainda permitido, na qualidade de produtor, apresentar o TV Palco, um programa de grande popularidade que durante cinco anos divulgou a actividade teatral. Nessa mesma altura, colabora com a Câmara Municipal de Lisboa, na reactivação das colectividades de cultura e recreio.

Após o 25 de Abril, Igrejas Caeiro é reintegrado na EN e, em Outubro de 1976, quando esta é já RDP, é nomeado director de Programas, funções de que é uma vez mais (a terceira e última) demitido, como penalização por afirmações por si proferidas durante uma reunião da Comissão de Planeamento e consideradas injuriosas pela então Comissão Administrativa.

Democrata de longa data e resistente à ditadura, é como militante do Partido Socialista que inicia a sua actividade política. Deputado à Assembleia Constituinte, é novamente eleito para a Assembleia da República, onde faz parte da Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias. Como autarca, foi vereador na CM de Cascais, entre 1982 e 1985, tendo tido à sua responsabilidade os pelouros da Cultura, Desporto e Turismo.

Actualmente, é Presidente da Fundação Sarah Beirão – António da Costa Carvalho, que visa a concessão de bens e a prestação de serviços à população idosa, privilegiando o acolhimento de escritores, artistas do espectáculo, músicos, criadores de artes plásticas e de

Mas agora fico muito mais seguro de que a minha passagem pela vida foi positiva e resultou da existência de tantos amigos, uns que já foram embora, outros que ainda hoje me dão grandes abraços. E isso dá-me, dá-nos, porque não posso esquecer a Irene, uma grande alegria, uma alegria que me faz chorar.

intelectuais ligados à comunicação; é membro da Direcção do Centro de Apoio ao Deficiente de Cascais; Presidente Associação de Aposentados e Reformados da RDP; administrador da Fundação Marquês de Pombal; e membro da Fundação Mário Soares. A CMO distinguiu-o com a Medalha de Ouro da autarquia e em 1995 foi condecorado pelo então Presidente da República, Mário Soares, com a Comenda da Ordem da Liberdade. Usando da palavra no final da homenagem que a SPA lhe prestou há três anos e já aqui referida – uma das muitas de que tem sido alvo, inclusive por esta mesma Sociedade da qual, aliás, é membro activo, e tem tido patente nas suas instalações uma exposição comemorativa da sua actividade – Igrejas Caeiro afirmou: “Esta gente disse tanto de mim e eu não me lembro destas coisas... Sei apenas que fiz coisas de mais. Deixei o teatro porque andava completamente absorvido com tantas coisas que queria fazer... Queria tanto chegar ao povo que deixei para trás coisas de que tanto gostava. Foi mal meu, não me ter fixado e ter-me dispersado por tantas áreas, tantos projectos, tantos sonhos. Mas agora fico muito mais seguro de que a minha passagem pela vida foi positiva e resultou da existência de tantos amigos, uns que já foram embora, outros que ainda hoje me dão grandes abraços. E isso dá-me, dá-nos, porque não posso esquecer a Irene, uma grande alegria, uma alegria que me faz chorar”. Assim é este homem, para bem nosso. ♥







| LAÇOS |

LIÇÕES DE VIDA

No Centro Nuno Belmar da Costa temos pessoas às quais devemos render homenagem e agradecimento, unicamente por nos darem lições de autonomia, de integração, de participação activa e de dignidade. Simplesmente por existirem e, por nos permitirem continuar a acreditar que as coisas podem sempre melhorar. Porque a paralisia cerebral é fruto de uma lesão cerebral, ocasionada antes, durante ou após o nascimento, causando desordem sobre o controle dos músculos do corpo. Portanto, não é doença é uma situação. De facto, não existem medicamentos nem operações que possam curar a paralisia cerebral. No entanto, há sempre a possibilidade de melhorar, até porque nada é impossível.

texto de Ana Henriques
fotos de Carmo Montanha



O Director da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral de Lisboa, José Antelo e com a Directora do Centro Nuno Belmar da Costa, Carla Borges

O Centro Nuno Belmar da Costa é um dos pólos da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, a funcionar em Nova Oeiras há um quarto de século. Este é um equipamento que dispõe de um Lar Residencial e de um Centro de Actividades Ocupacionais. Presta apoio a cerca de 51 utentes - 23 em residência permanente e 28 em regime externo. Existe ainda um quarto de trânsito, este é ocupado rotativamente, consoante as necessidades das famílias, a verdade é que chega a ser reservado com meses de antecedência.

Aqui 365 dias por ano, Natal e Ano Novo incluídos, utentes e colaboradores convivem no mesmo espaço físico, porque para muitos esta é a sua casa. Como fez questão de salientar, José Antelo “é como se fosse um hotel, nas residências cada um tem o seu quarto individual, decorado a seu belo prazer, enfim é o seu espaço, o seu mundo.”

Neste centro pretende-se proporcionar “a esta população qualidade de vida, o melhor possível dentro das limitações que têm, para isso desenvolvem-se as capacidades e não as incapacidades de cada um”, reforça José Antelo.

Para além das terapias e actividades complementares, existe ainda “o apoio domiciliário, ou ainda o apoio tão simples como ir a uma consulta, a um cinema ou um teatro.”

“De notar que para todos os utentes, a contribuição familiar é modelada de acordo com o rendimento familiar. Por isso, quem tiver só a sua pensão social a sua contribuição não pode ir além duma percentagem.”

É atribuída uma compensação monetária aos utentes “uma vez que



todos realizam pequenas ou grandes tarefas, têm o chamado salário estímulo, de tal maneira que têm, digamos assim, a sua independência económica para as pequeninas coisas.”

Para fomentar o convívio e proporcionar vivências foi criado um grupo de turismo “todos os meses há um grupo que vai país fora”. Até porque nada é feito sem a opinião dos utentes “são eles que escolhem, organizam e programam onde querem ir”. Para fazer face a estas despesas o grupo cobra uma quota mensal, juntamente com uma parte das receitas do bar que revertem a favor desta iniciativa. As actividades desenvolvidas são noticiadas no jornal trimestral intitulado “sobre rodas” elaborado pelos frequentadores desta instituição. A inércia não tem lugar neste espaço, aqui o desporto é rei, o centro possui um palmarés invejável de atletas de alta competição, em especial nas modalidades de Boccia e de Natação onde conta com campeões de mundo, campeões da Europa, campeões paralímpicos, além de medalhados entre o 1º e 3º lugares.

“Estamos também a desenvolver outras modalidades que despertam muito interesse nos utentes como é o caso o Futebol em cadeira de rodas, esperamos também dentro em breve ter outras duas modalidades a Petra e a Slalom.”

Os obstáculos são para ultrapassar, as metas para atingir e, é o tudo por tudo, para diariamente proporcionar mais e melhor qualidade, conforto e autonomia, no fundo, os meios essenciais para se prestar um serviço de excelência.

Para estes dois responsáveis, as principais inquietações prendem-



se com a “sustentabilidade financeira é uma das nossas principais preocupações.” Não menos importante é a parte dos recursos humanos “precisamos de ter pessoas especializadas para estas tarefas ou seja, a base humana é imprescindível só depois é que vem a formação técnica e profissional. Uma excelente formação técnica e profissional para quem não tem uma base humana apropriada para este tipo de trabalho normalmente não resulta.”

Este assunto assume particular importância numa altura em que “a associação se dá por muito feliz por possuir um conjunto de técnicos muito capazes, muito responsáveis e muito dedicados. Em muitos casos os nossos primeiros voluntários são os funcionários isto é uma valia muito importante para a associação e para eles próprios.”

A autonomia é o desafio, o ponto fulcral, todos os dias há uma luta que se trava contra a dependência duma terceira pessoa, talvez por ser uma batalha partilhada por colaboradores e utentes, me atreva a dizer que este é um caso de sucesso.

“Abrir o centro ao exterior é um dos nossos principais objectivos para o próximo ano, em termos de melhorias físicas queremos instalar uma rede completa para podermos ter todos os circuitos de computadores integrados em rede, esse é o nosso desejo.”

E porque o futuro é construído degrau a degrau, cabe a todos ajudar a desenvolver a integração social, embora saibamos que não podemos mudar o mundo qualquer progresso, por menor que seja, permite manter a esperança de que há uma sucessão de passos a dar.. ♥

Neste centro pretende-se proporcionar “a esta população qualidade de vida, o melhor possível dentro das limitações que têm, para isso desenvolvem-se as capacidades e não as incapacidades de cada um”, reforça José Antelo.



GRUPO MOTA-ENGIL

Solidariedade sem barreiras

Fazer convergir uma das áreas de negócio fundamentais do Grupo Mota-Engil com as necessidades da comunidade. O melhor de dois mundos, conjugado num projecto que resulta de uma parceria firmada entre o Município e uma das empresas-referência do sector da construção, fortemente implantada no concelho de Oeiras.

texto de Sónia Correia
fotos de Carmo Montanha

Parceira, desde há anos, da Autarquia, no âmbito do programa municipal 'Oeiras Solidária', a Mota-Engil assume, agora, papel destacado num outro projecto, paralelo, denominado 'Oeiras sem Barreiras'.

No âmbito da plataforma 'Oeiras Solidária', a intervenção da Mota-Engil – e em particular da área de Engenharia e Construção do grupo – consubstanciou-se “numa série de apoios canalizados, sobretudo, para instituições particulares de solidariedade social do concelho”, explica Rui Pedroto, director de Responsabilidade Social, Corporativa e Sustentabilidade do grupo.

“A Mota-Engil tem concedido apoios e feito donativos, no âmbito da sua acção mecenática externa, abrangendo, sobretudo, instituições particulares de solidariedade social concelhias”.

Oeiras é, para o grupo, “um território preferencial de intervenção” a este nível, essencialmente por duas razões.

Por ser no concelho que a Mota-Engil tem os seus principais escritó-

rios – ainda que a sede esteja no Porto – e por ter sido aqui a sede da Engil, a empresa que, na sequência da fusão com a Mota & Companhia, deu lugar ao que é actualmente o Grupo Mota-Engil.

Fazer algo mais do que conceder “apoios esporádicos” a instituições foi o desafio que motivou o grupo a gizar o esboço de um projecto que permite, na opinião de Rui Pedroto, “aprofundar a parceria com a Câmara Municipal” e protagonizar “uma intervenção social mais eficaz”.

Neste sentido, empresa e Autarquia firmaram, há cerca de um ano, um protocolo adicional ao 'Oeiras Solidária', enquadrado por um tema-chave: a igualdade de oportunidades.

O facto de 2007 ser, internacionalmente, o Ano da Igualdade de Oportunidades, depois de 2003 ter sido o Ano das Pessoas com Deficiência, foram, aliás, determinantes para esta opção.

“A União Europeia tem vindo a dar pública notoriedade a estas questões. Partindo dessa premissa, e do desejo de aprofundar a parceria

O acordo, firmado entre a Autarquia e a área de Engenharia e Construção do Grupo Mota-Engil, prevê, no essencial, a “remoção de barreiras arquitectónicas em habitações de famílias carenciadas que tenham, no agregado familiar, cidadãos com mobilidade condicionada”.

com a Câmara Municipal, nasceu o projecto, a que mais tarde foi dado o nome de ‘Oeiras sem Barreiras’, e que deu lugar à assinatura de um protocolo com o Município”.

O acordo, firmado entre a Autarquia e a área de Engenharia e Construção do Grupo Mota-Engil, prevê, no essencial, a “remoção de barreiras arquitectónicas em habitações de famílias carenciadas que tenham, no agregado familiar, cidadãos com mobilidade condicionada”.

Convergem, assim, o objecto social da empresa, “aquilo que nós sabemos fazer melhor”, com as necessidades das pessoas.

Assinado o protocolo decorre, agora, a fase de indicação e selecção das famílias cujas casas serão objecto de intervenção, tendo em conta o preenchimento dos requisitos estabelecidos em protocolo.

O responsável pelo sector de Responsabilidade Social, Corporativa e Sustentabilidade da Mota-Engil assinala que, tendo em vista a completa operacionalização do protocolo e a sua efectividade, será, nas diversas fases do projecto, determinante a colaboração de outras entidades.

Entre elas as Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) “que trabalham com estas populações”, e o próprio Instituto de Segurança Social, através da sua delegação concelhia, que desenvolve um trabalho muito importante ao nível da “sinalização e da intervenção de primeira linha junto destas famílias”.

Desta forma, a Mota-Engil procura “manter viva, enquanto empresa socialmente responsável, a parceria no âmbito do programa ‘Oeiras Solidária’”, aprofundando-a com esta tónica – “fazer face às dificuldades de mobilidade de cidadãos carenciados, particularmen-

te quando as suas casas apresentem obstáculos à mobilidade e à sua plena inclusão social”. Ao intervir nas habitações, promovendo pequenas empreitadas de remoção de barreiras arquitectónicas, a Mota-Engil acredita poder contribuir para o pleno exercício dos direitos de cidadania de cidadãos com mobilidade condicionada.

Para tal, a empresa conta com “a colaboração e empenho da Câmara Municipal e de toda a rede social local”, até porque, refere Rui Pedroto, “é destas parcerias, desta permanente troca de informação, que pode resultar uma acção mais efectiva – só desta forma a empresa pode começar a ver, de facto, os resultados das suas políticas de responsabilidade social”.

No concelho de Amarante, onde está instalada a sede social do Grupo Mota-Engil e do qual é originária a empresa Mota & Companhia, a empresa promove um projecto semelhante ao ‘Oeiras sem Barreiras’.

“Apresenta um denominador comum, mas no caso de Amarante visamos famílias e cidadãos em situação de carência que não têm possibilidade de, pelos seus próprios meios ou com outro tipo de apoios públicos, reabilitar as suas casas ou, mesmo, construir uma casa”.

Em Amarante o projecto é desenvolvido em parceria pela Mota-Engil e pela organização não-governamental ‘Habitat for Humanity’, cujo desígnio é apoiar a construção de casas para famílias carenciadas, tendo como matriz de referência o trabalho de um corpo de voluntários.

Deste modo, a Mota-Engil faz uso daqueles que são “os talentos, as ferramentas e o saber-fazer próprio da empresa, associando duas componentes importantes que estão, aliás, vertidas no protocolo:

por um lado a mobilização de trabalho voluntário interno – estimular a doação graciosa de trabalho por parte dos nossos funcionários é para nós um objectivo fundamental – e, por outro, o envolvimento dos nossos fornecedores, associando-os a esta iniciativa solidária”.

A Mota-Engil espera poder participar na entrega das primeiras casas, construídas ou reconstruídas, já no decurso do próximo ano de 2008. Envolver, em projectos com estas características, os colaboradores da empresa, é um desafio que estimula Rui Pedroto.

“Participámos, há alguns meses, numa acção de trabalho voluntário em benefício da ‘Habitat for Humanity’, numa casa que estava a ser construída no concelho de Barcelos, para a qual mobilizámos um grupo de pessoas, que cederam um dia de trabalho para ajudar”, recorda aquele responsável.

“A promoção do trabalho voluntário é um objectivo que está inscrito no nosso programa de Responsabilidade Social, numa dupla dimensão. Na vertente de apelo à consciência cidadã dos nossos funcionários, no sentido de darem um pouco de si aos outros fora do seu horário de trabalho, e na vertente de empresa responsável, que promove iniciativas, mobiliza as pessoas e faz delas parte integrante do esforço solidário que desenvolve”.

HISTÓRIA

O Grupo Mota-Engil, tal como hoje o conhecemos, é o resultado da fusão de duas empresas, a Mota & Companhia e a Engil. Com quatro grandes áreas de negócios, Engenharia e Construção, Ambiente e Serviços, Concessões de Transportes e Indústria e Energia, o Grupo Mota-Engil apresenta-se como líder no sector de construção em território nacional, com presença em 16 países de três continentes, com destaque para a Europa Central, África, América do Sul e América do Norte.

“Fortemente diversificado e fortemente internacionalizado”, assim define o grupo Rui Pedroto, assinalando o volume de negócios de mais de 1,3 mil milhões de euros (dados de 2006). Impulsionado pelo desenvolvimento na área de Engenharia e Construção, “elemento motor”, o grupo tem crescido, ao longo dos últimos anos, evidenciando “sólida experiência nos negócios nos quais está envolvido”.





GONÇALO RIBEIRO TELLES

“O poder local pode ser um monstro”

O pioneiro do ambientalismo em Portugal exclama agora: “não me falem em ambiente!” Prefere a palavra paisagem, o que não será propriamente uma surpresa num arquitecto paisagista. Aos 85 anos, Gonçalo Ribeiro Telles continua de uma vitalidade surpreendente. Combativo como sempre foi, nem por um momento cede à amargura – apesar do diagnóstico perturbador que faz da organização do país - e há-de soltar a sua gargalhada sacudida e irónica várias vezes ao longo da entrevista. Lamenta a falta de visão e da satisfação das necessidades alimentares. Acredita que por este andar a própria soberania nacional está em perigo. Apesar do quadro que pinta não ser animador recusa-se a baixar os braços. Impôs-se a si próprio um imperativo de intervir publicamente em defesa daquilo que classifica como “a herança”. Embora faça questão de dizer que não se trata de uma questão de cidadania. É mais do que isso.

texto de Carlos Vaz Marques

fotos de Carlos Santos

Porque é que não se considera a si próprio um cidadão?

Porque sou um súbdito.

Há uma contradição entre um estatuto e o outro?

Não. Completam-se. O súbdito tem uma noção de serviço que geralmente o cidadão não tem.

Não gosta da ideia de cidadania?

Gosto. Imenso. Mas também sou súbdito. Tenho também a ideia do serviço. Ponho de parte a palavra “cidadão” no uso abusivo que

se faz dela. É “cidadão” para tudo e depois não serve para nada.

A cidadania é o contrato de direitos e deveres.

Falta aí uma coisa que eu defendo como súbdito: o serviço da comunidade. Gratuito.

Isso resulta da sua defesa da causa monárquica?

Tem a ver... Monárquica e democrática.

Isto é uma questão apenas de terminologia ou vai mais fundo do que isso?

Não, não. É uma questão profunda. É por este motivo que hoje os jovens, nas escolas, não têm qualquer conhecimento de onde vêm.

Há um problema de ignorância da História?

É mais do que isso: há uma ignorância da herança. Daquilo de que são herdeiros.

Há uma diferença entre falar do conhecimento da História e do conhecimento da herança?

Estão interligados. Só que a herança é como que uma consciência que perdura nas pessoas. Essa consciência é muito alimentada pelo



conhecimento da História, evidentemente. Agora, o ensino da História deve ser sempre um ensino crítico. O jovem ao conhecer a História deve tomar partido.

O seu conhecimento da História é um conhecimento em que toma partido?
Tomo partido. Exactamente.

Qual é o seu rei preferido?

Não tenho reis preferidos. Eu sou um ecologista, portanto, tudo está ligado a tudo. Há uma continuidade.

Mas tomar partido é também admitir que haverá monarcas que tiveram um desempenho melhor que o de outros.

As circunstâncias são diferentes. As circunstâncias mudam. Nós, quando vemos à distância, observamos uma época que já

passou. A dificuldade está em tomar partido nessa época.

Mas com os seus conhecimentos de hoje e com as suas posições actuais que monarca lhe serve de referência?

Não tenho escolha. Para mim, é família. É tudo uma família.

Sim, mas todos nós gostamos mais de um tio do que de outro.

Exactamente. Todos têm defeitos. Uns têm uns, outros têm outros.

Era justamente isso que lhe estava a pedir: que avaliasse a partir dos defeitos de uns e de outros.

Oiça uma coisa: a virtude da Monarquia é que os defeitos são sempre colmatados. Até pelo próprio povo quando resolve dizer:

este senhor tem de abdicar. Não seria o primeiro caso.

Há alguma época que prefira ou que lhe interesse mais na História de Portugal?

Para mim, há duas épocas que me interessam porque são muito discutidas. E são muito falsificadas. É o nosso Renascimento, chamemos-lhe assim, e o é o nosso séc. XIX.

O séc. XIX português é muito falsificado?

Muito. É considerado um século de doidos, de um parlamentarismo exorbitante e, no entanto, é um século de uma vitalidade e de uma projecção cultural enorme.

É também o século de uma guerra civil.

Sim. Mas isso são acidentes. Talvez a guerra civil até tivesse motivado – embora uma guerra nunca crie coisas positivas – uma

reação que deu depois o esplendor do séc. XIX: com o ensino, com a educação, com a democracia. Basta ver que, quando acabou a Monarquia, no séc. XIX., foi imediatamente retirado, pela República, o voto às mulheres.

Mas a guerra civil deixou durante muito tempo marcas profundas.

Foi um momento como todas as famílias têm, todas as comunidades têm.

E aí de que lado está?

Eu não estou de lado nenhum.

Vê razões tanto do lado dos miguelistas como dos liberais?

Vejo muitas razões dos liberais mas vejo também algumas dos miguelistas, na medida em que eram uns defensores acérrimos do poder local, como hoje se faz.

É o seu caso?

Não. Hoje não sou. Porque hoje o poder local pode ser um monstro. Como está a ser em Portugal.

Vê o poder local como um problema, actualmente?

É um problema muito grave. Principalmente, para nós, em relação àquilo que é perene: a qualidade do território. Quer coisas piores do que determinadas câmaras municipais a retirarem áreas da reserva agrícola e da reserva ecológica? E porquê? Porque querem um efémero crescimento de um edifício que dê nas vistas, um equipamento absolutamente desligado de todo o contexto social. Quer coisa mais pavorosa do que aquilo que se está a passar?

A quem é que se devem atribuir responsabilidades por isso?

A todos.

Aos autarcas, sobretudo, ou às populações que os escolhem?

Todos têm um pouco de culpa. As populações têm menos culpa porque não estão de-

vidamente informadas. Foram deslocadas para uma noção de consumismo: todos a consumirem o mesmo, coisas brutais, custe o que custar às gerações vindouras. É o que se passa.

Mas isso é uma particularidade portuguesa?

Não. Mas eu nunca disse que nós não estamos ligados ao mundo. De maneira nenhuma.

Nisso, portanto, não somos originais.

Não. Somos originais porque exagerámos muito nesse aspecto. Basta ver agora o problema gravíssimo que vai ser o problema alimentar na Europa, com a subida dos cereais por causa da nova campanha do biodiesel, que vai ser um problema tão grave como o do eucalipto. O problema do biodiesel vai ser a concorrência às áreas que haviam de ser destinadas ao abastecimento alimentar. Agora já se está a dizer que o grande problema do futuro - quando, em 2015, 84 por cento da população viver, como se espera, em cidades - será o problema da agricultura.

Gosta de cidades?

Então não gosto? Quem é que não gosta de cidades?

Ou vê-as como um problema?

Não. As cidades viveram sempre em simbiose com o campo.

Hoje nem por isso.

Deixaram de viver com a revolução industrial e com toda esta projecção do fenómeno urbano, do imobiliário. Deixaram de viver mas agora vão ter de viver outra vez. As grandes civilizações viveram sempre com uma ligação da cidade ao campo. Agora, há uma grave crise cultural que não percebe que o progresso, o desenvolvimento, a felicidade comporta os dois sistemas.

Esse fenómeno, em Portugal, tem características próprias ou é comum ao que se passa no resto do Ocidente?

Tem características próprias. Por exemplo, todo o desenvolvimento que se faz da hor-

O projecto foi fazer a recriação dos jardins do Marquês de Pombal para a modernidade. Mantive a estrutura de composição que eles tinham. A quinta era muito maior e tinha uma área de produção muito grande. A ideia central foi a de manter a produção, a protecção e o recreio.

Aquilo era um projecto que começou com dois rapazinhos novos - eu e o Pedro Falcão e Cunha - e com o mestre Cristino da Silva. E, como obra dessa época, parece que gostam dela.

ticultura e da agricultura urbana nas grandes cidades... Lembro-me que a cidade de Chicago, em 2006, inaugurou 26 mercados para venda das hortaliças produzidas na própria cidade. Isso cá...

Não existe.

Não. Riam-se. São uns saloios autênticos, no sentido pejorativo do termo.

E quem são esses saloios?

A maior parte dos responsáveis. Até intelectuais, que defendem que a reserva agrícola é um obstáculo ao desenvolvimento. Você conhece professores universitários a dizer isso.

Quando o apelidam, de uma forma jocosa, de defensor das hortas...

Ninguém me apelida assim, já. Isso era dantes. Já não têm coragem. Isso foi há dez anos atrás. Agora, olham de soslaio mas já não se riem porque já sabem o que é que vem aí.

De que é que, apesar das suas muitas críticas, ainda gosta na área metropolitana de Lisboa?

Do que resta. É pouco. Olhe, os barros de Oeiras foram todos ao ar. Eram um manancial para a sustentabilidade da área metropolitana. Como era importante a campina de Loures. Nos vales, até aqueles em que eu tive intervenção, os projectos foram metidos na gaveta. Fiz um para o de Caparide, outro para o vale da Laje, feito por encomenda da Fundação Gulbenkian.

Porque é que esses projectos não foram por diante?

Porque não são compreendidos. Não se compreende o que é, de facto, a sustentabilidade, o que é a herança e o que é o futuro.

Esta realidade da cidade-região, que é a grande Lisboa, é para si um progresso ou um retrocesso?

É um facto. Mas este facto da urbanização extensiva vai dar muito mau resultado. Já está a dar. A sustentabilidade ecológica está pelas ruas da amargura. Então, não retiraram o laranjal da Bacalhôa, em Azeitão, que era um símbolo das nossas quintas de recreio? Eram quintas sempre de produção, de protecção e de recreio, ao mesmo tempo. Como era a do Marquês de Pombal. Era uma quinta de produção, de protecção e de recreio.

Um dos seus principais projectos no conceito de Oeiras foi precisamente para a Quinta do Marquês de Pombal.

O projecto foi fazer a recriação dos jardins do Marquês de Pombal para a modernidade. Mantive a estrutura de composição que eles tinham. A quinta era muito maior e tinha uma área de produção muito grande. A ideia central foi a de manter a produção, a protecção e o recreio. Aquilo é um vale com três eixos. Um eixo é o da cascata. Outro eixo é o da casa de pesca, que hoje já fica fora da quinta. E o outro era onde estava a horta, que foi todo pavimentado e onde está agora um terraço. Portanto, era uma quinta que se integrava na paisagem através de diferentes eixos de composição. Só faltou fazer, no relvado que lá está, um laranjal. Isso é que não se chegou a fazer.

É um espaço hoje bem preservado?

Não sei. O que eu quero é que não me estraguem aquilo. Eu trabalhei para a Fundação Gulbenkian, porque aquilo era da fundação. Depois, a fundação vendeu a um instituto qualquer, que teve lá uma espécie de escola. Agora, é da Câmara. A Câmara é que tem de dar utilidade àquilo. Toda essa herança está a desaparecer. Quantas quintas é que restam em Oeiras?

Tem alguma ideia, a esse respeito?

Não. Por isso é que eu estou a perguntar.

Qual é hoje a identidade das diversas cidades à volta de Lisboa, nomeadamente Oeiras?

Como sabe, estes aglomerados urbanos à volta de Lisboa tinham uma autonomia própria que lhes vinha da sustentabilidade local. Evidentemente que, enquanto não veio a filoxera, a identidade ali na Linha, até em Oeiras, dependia muito do trigo. Eram searas, desde os romanos, de uma fertilidade enorme. Se acabou a seara, a identidade vai-se embora.

Lamenta que se tenha ido embora?

Lamento. Então não vê o que se passa agora com o trigo? Não tem lido os jornais? A subida dos cereais está a assustar o mundo inteiro.

Como é que estas cidades limítrofes de Lisboa podem preservar os traços de uma identidade própria?

Todas têm o mesmo traço. Com as modificações a que a circunstância de cada local obriga. Todas são aglomerados urbanos, que tinham ao lado uma grande cidade internacional, universal. Portanto, tudo isto não se



pode deixar de compreender como Lisboa e o seu termo. Nesse termo há sempre um problema que as câmaras municipais não compreendem: é que têm de ter uma osmose completa entre os territórios. Não podem ser fechados de um lado para o outro.

É o que está a acontecer?

Estão completamente fechados. Todos com o mesmo objectivo final: construir.

O que me está a dizer é que não há colaboração entre os diversos municípios.

Não é colaboração. É osmose. O sangue não passa de um lado para o outro. Porque eles não percebem. Por exemplo, o que se está a fazer hoje em Alcântara XXI, com grandes construções – e que já provocaram grandes inundações, como sabe – depende por completo da bacia de recepção que está na Amadora.

Está tudo ligado.

Pois está.

Quando participou no projecto de Nova Oeiras, Oeiras era muito diferente do que é hoje?

Era. Bastante diferente. Aquilo era um projecto que começou com dois rapazinhos novos - eu e o Pedro Falcão e Cunha - e com o

mestre Cristino da Silva. E, como obra dessa época, parece que gostam dela. Hoje restam apenas três ou quatro blocos.

O espírito da obra perdeu-se?

É residual. Aquilo era uma coisa com uma arquitectura da modernidade dessa altura. Assentava numa paisagem mediterrânica. Assentando na paisagem mediterrânica tinha que ter três coisas: podia ter, de facto, aquelas moradias, que repetiam numa escala determinante a quinta de recreio, e depois teriam que repetir a mata e a clareira. Onde é que está a mata? Onde é que está a clareira? Não se soube conservar. A população, como está mal informada e ainda não sabe o que quer, ainda quer fazer de tudo aquilo um pequenino jardim da celeste horroroso, ao lado dos outros. Mas aquilo é uma paisagem global que tem de se fundamentar na clareira, na mata e, em grande parte, na vegetação indígena.

Como é que tudo isso poderia ser recuperado, ali?

Com um outro projecto. O que é preciso reabilitar é o que tinha o primeiro projecto, numa distribuição possivelmente diferente. A primeira recuperação é a da mata e da clareira. A segunda recuperação é a da orla.

E a terceira recuperação é a da utilidade dos espaços abertos, a que muita gente agora chama espaços vazios para neles poder construir.

Quando vai a Nova Oeiras fica decepcionado com aquilo que encontra?

Não. Fico mais decepcionado, por exemplo, porque houve uma evolução... Enfim, a população quis tomar conta daquilo. Há uma má informação da população. A população quer toda ter o seu modelo de jardim da celeste.

O que é isso de jardim da celeste?

É o que se está a fazer hoje na Avenida da Liberdade, em Lisboa.

Os canteiros?

Os canteirinhos com o relvado de escalracho, a palmeira e tal... Você vê, mesmo nos anúncios que propagandeiam os grandes empreendimentos imobiliários, tudo quanto desenham nos espaços livres é de gargalhada. São os jardins da celeste com uma piscina e uma menina com a mão na cabeça.

Mas quando vai a Nova Oeiras...

Não serve de nada. Já lá fui várias vezes mas as pessoas não estão receptivas a uma paisagem.



Então, quer dizer que o problema é o povo.

Não é o povo. É quem informa o povo. Não há referências. Por exemplo, estou a lembrar-me de um amigo meu que tinha uma casa numa aldeia perto de Braga. Era uma terra para onde os emigrantes vinham todos fazer a sua maison à francesa. Ele resolveu pegar na casa da família – uma casa de lavoura, em pedra – manter a pedra, comprar até umas vaquinhas, apesar de ser médico, para também se integrar naquela estrutura. Imediatamente foi repetido pelos emigrantes todos. Era o senhor doutor. Então, se o senhor doutor faz assim, alguma razão tem para o fazer. Enquanto não se derem essas razões a pessoas que não estão informadas, que não tiveram a pedagogia suficiente para tal, é evidente que é impossível.

Estamos naquela situação em que parece que se está a dizer: mude-se o povo.

Não, não é mude-se o povo. Não se estrague

é o povo. O que se está a fazer nas aldeias é a estragar o povo.

Que particularidade tem hoje Oeiras, no seu entender?

Hoje não tem particularidade nenhuma. A universidade teve o descaramento de ocupar as melhores terras de trigo para construções. Negou-se a si própria.

Que universidade?

Todas. Então aquilo não são tudo pólos universitários? Onde é que eles estão colocados?

Em terrenos que deviam ser de cultivo?

Do melhor cultivo do país. Nós temos no litoral os terrenos com a melhor aptidão para uma cultura intensiva. Não é no interior. Desde Viana do Castelo até Oeiras e depois no Algarve. Os melhores terrenos para abastecerem a população urbana do séc. XXI estão no litoral.

O que é que devia ser feito?

Devia-se proteger esses terrenos do litoral para poder alimentar a população que já lá está.

Já há muito espaço edificado...

Mas continua a querer-se edificar. Qual é a agricultura que se pode fazer assim? O que é que eles fizeram em França? Em França, trinta por cento da população que faz agricultura vive nas grandes cidades. Só que, com a distância curta e com o telefonezinho de bolso, em lugar de viver à margem das aldeias, vive os problemas da aldeia. Eu não vejo fazer-se isso nos montes alentejanos que foram comprados pelos fulanos do Estoril.

O telemóvel pode ser um aliado na defesa do ambiente?

Sim. Mas não é do ambiente. Não me fale em ambiente. Estou farto disso do ambiente, que foi tomado por uns tipos incapazes de perceber a paisagem.

Está a referir-se aos ambientalistas?

Sim. Esqueceram-se de que a base de todo o ambiente é o território. E a base do território é a paisagem. Estragando a paisagem o ambiente é artificial.

Os ambientalistas contribuem para isso?

Não contribuem, desconhecem essa referência da paisagem. Há muito trabalho positivo: queixas que fazem e assim. O que não há é uma visão integrada, em paralelo, para os problemas do território.

Está em perigo a herança, para retomar a expressão que usou logo no início?

Não é a questão da perda da herança. É a perda da possibilidade de o país existir.

Está em risco a soberania?

Pois está. Com certeza. Porque é que se faziam conquistas aos mouros? Também era para arranjar comidinha para o pagode.

Como é que reage quando vê o escritor José Saramago defender que, no futuro, será inevitável a união ibérica entre Portugal e Espanha?

Isso é outra coisa. Vou-lhe dizer a verdade: isso é a herança, que nós também temos, da Carbonária. A Carbonária, como todo o positivismo político do fim do séc. XIX, sempre foi defensora da federação das repúblicas ibéricas. Foi isso que os levou, possivelmente, ao caminho do assassinio do rei D. Carlos. Foi isso que levou, inclusivamente, a modificar os símbolos nacionais.

Imagino que essa ideia de união ibérica lhe será repugnante.

Não, não me é repugnante. É uma ideia que o povo – enquanto quiser ser livre e ter autonomia e ter uma herança comum – não aceita.

É um homem desiludido com o rumo que as coisas estão a tomar?

Não. O que é que eu hei-de fazer? A invasão dos vândalos também foi muito má e passou. Agora, estes talvez também passem. Como são só cidadãos, não têm herança. 🌟



Oeiras

Marca o seu Natal de forma especial.

**A Câmara Municipal de Oeiras
deseja-lhe Boas Festas**



VIAGEM DE NATAL

(uma história quase para crianças)

texto de Gonçalo M. Tavares
fotos de Luis Maria Baptista

Andava preocupado, tenso e irritado. Precisava de férias. Aí estava uma oportunidade: as férias de natal.

- Sei o sítio indicado para ti - disse-me uma amiga.

Era uma magricelas, quase pele e osso. Bailarina. Como andava sempre com ar feliz convenceu-me.

Parti.

No país da Levitação a primeira surpresa é desagradável: olhamos à volta e apenas encontramos turistas. O segundo olhar, no entanto, é como assistir a um milagre. Se na terra só vemos turistas é porque todos os habitantes deste país levitam. É assim mesmo. No chão formigueiros de pessoas pasmadas, com as máquinas fotográficas apontadas para o ar, e um pouco acima das nossas cabeças lá estão eles: homens, mulheres, crianças, velhos - tudo levita.

A forma como se deslocam no ar é curiosa, difícil de descrever. É como se caminhassem dentro de uma bolha de sabão gigante e invi-

sível, colocando um pé e depois outro, sempre de modo hesitante, já que, como rapidamente se percebe, caminhar em cima do ar não é tão fácil (nem tão estável) como caminhar em cima da terra compacta.

Curioso e absolutamente divertido é ver o modo ainda mais trapalhão como as crianças deste país passeiam pelo ar. Já imaginaram tropeções um metro acima do chão, em zonas mais irregulares de oxigénio? Tropeções que, claro, nunca terminam em feridas ou joelhos esfolados como terminariam se a queda fosse como as que conhecemos. Acabam, sim, em risadas divertidas, pois é como se um qualquer fio invisível as segurasse sempre acima do solo, provocando cambalhotas no ar e dando origem a posições do corpo muito estranhas.

Perante as trapalhices da levitação das crianças, os mais velhos sorriem para nós e dizem-nos, com voz carinhosa:

- Coitados, estão a aprender.



Uma rápida explicação para que entendam. Neste país não há fios transparentes nem ausência da força da gravidade. Bem que tentam, aliás, os turistas imitar o que vêem, caindo no ridículo com aqueles saltinhos miseráveis a tentarem imitar voos.

Pois bem, os habitantes do país da Levitação não precisam de tecnologia. O que eles têm, de facto, é nada. Explicando um pouco melhor: são pessoas sem peso. Literalmente.

Levitam porque os seus corpos não pesam mais do que algumas gramas. Os seus corpos são basicamente pele. Além disso, sorriem.

Digo-vos outra coisa desde já: posso vir a viajar muito, mas duvido que encontre pessoas mais satisfeitas que estas. Nelas, a despreocupação é total. Os seus corpos são absolutamente leves e sorridentes porque todo o interior do organismo foi esvaziado.

É estranho, mas é um facto: no país da Levitação as pessoas não têm órgãos dentro do corpo. O interior é oco, mas um oco não de um vazio que deprime. Pelo contrário.

- O nosso vazio está cheio - ouvi muitas vezes dizer.

- Está cheio de impulsos semelhantes aos das aves - completavam ainda os mais velhos.

Percebi, então, ao fim de alguns dias, o processo. Processo que começou há muito tempo. E atravessou gerações.

Neste país, no início do mundo, as pessoas eram completamente de-

spistadas, despreocupadas, sem ambições. As suas necessidades eram poucas, quase nenhuma.

Sentado a levitar tranquilamente acima da minha cabeça, um velho explicou-me os pormenores:

- Os nossos antepassados foram reduzindo gradualmente as necessidades. Chegaram a um ponto que começaram mesmo a dispensar órgãos.

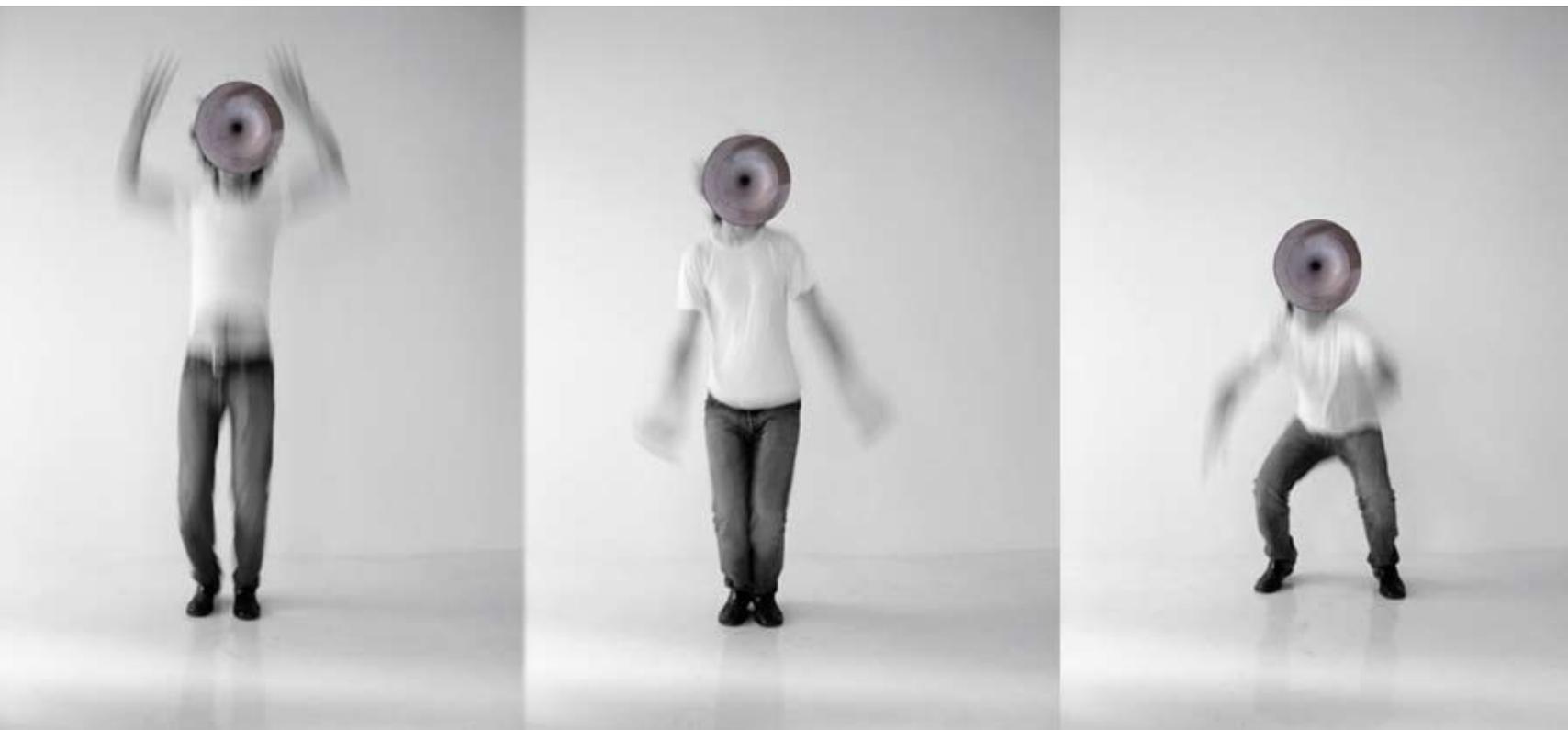
Como deixaram, por exemplo, de precisar de respirar, os pulmões tornaram-se inúteis. Deitaram-nos fora.

Mais tarde, perderam a necessidade de se alimentar. Consegue ver a quantidade de coisas - perguntou-me ele - dentro do corpo que podemos deitar para o lixo se não precisarmos de nos alimentar e, claro, de deitar fora o que ingerimos? Bem, não preciso de entrar em pormenores - disse o tal velho. - O certo é que, depois de muitas gerações, chegámos a este ponto: não temos necessidades, o nosso corpo é leve.

- Mas o vosso corpo é completamente vazio? - perguntei, ainda, meio espantado com esta explicação.

- Completamente, completamente não - advertiu. - Ficam sempre algumas células, alguns átomos. Células teimosas,

é bom de ver. Por isso mesmo é que uns conseguem levitar mais alto do que outros. Os que sobem mais alto são, como é evidente, os mais



leves, ou seja, são os que se libertaram de mais células, de mais necessidades. Em suma: são os mais sábios.

- São os presidentes - comentei.

- Sábios - corrigiu. - Os presidentes mandam, os sábios mostram. No nosso país só temos sábios.

E depois de uma pausa acrescentou - Vê aquele ponto negro ali em cima, um pouco abaixo da lua.

Olhei atentamente. Não vi nada.

- Ali - insistiu o Velho Levitador - nesta direcção.

- Sim, agora vejo. - disse eu - É um ponto negro. Parece um pequeno astro.

- Não - disse o velhote a sorrir - é o nosso Grande Sábio.

E depois exclamou, com uma face de admiração profunda:

- Aquilo sim, é que é leveza!

Em poucos dias percebi outra importante particularidade. Ninguém trabalhava no país da Levitação. Melhor dizendo: ninguém fazia nada.

- Trabalhar para quê? Somos leves: temos tudo o que as pessoas sempre quiseram. Trabalhar para quê?

Divertiam-se, pois, e dormiam.

E, como se fosse uma música de ambiente, eram ainda constantemente ouvidas algumas risadas, uns metros acima do solo. Os turis-

Levitam porque os seus corpos não pesam mais do que algumas gramas. Os seus corpos são basicamente pele. Além disso, sorriem. Digo-vos outra coisa desde já: posso vir a viajar muito, mas duvido que encontre pessoas mais satisfeitas que estas.

Regressei destas férias de natal no país da Levitação incomparavelmente mais descontraído e relaxado. Parecia outro. E, sei que não vão acreditar, mas durante a manhã após o meu regresso, no primeiro passeio que dei à volta do meu bairro, num calmo dia de domingo, não foi muito, mas posso jurar, posso garantir por tudo o que é sagrado, que os meus pés caminhavam uns centímetros, talvez não tanto: uns milímetros, mas de certeza, isso posso jurar, os meus pés caminhavam acima do solo, sem o tocar, um bocadinho acima do solo.

tas, como eu, pesados, e cheios de órgãos, olhavam para toda aquela descontração com uma certa inveja. Mas acima de tudo o ambiente era tranquilo. Eles tratavam-nos bem: os nossos cabelos pareciam ser penteados pelas pessoas que levitavam.

- Mas durante o dia não fazem mesmo nada? - insisti eu, sem querer acreditar em tanta preguiça.

- Bem - disse o velho - às vezes, tenho de o confessar, em certos dias, sentimos necessidade de fazer alguma coisa. Não somos perfeitos.

- E que fazem, então, nesses dias? - perguntei.

- Dançamos - respondeu.

Pois é: essa era a única fraqueza dos habitantes do país da Levitação. Haviam expulsado todas as necessidades, menos uma: a da dança. Assim, de quando em quando, devido à vontade que sentiam, o corpo deles ficava mais pesado e os seus pés tocavam, então, nessas alturas, muito ligeiramente o solo.

E o que era lindo de ver, e a que tive a sorte de assistir num desses dias de festa, é que mal os pés tocavam no solo, eles começavam a dançar. Dançavam muito lentamente, graciosos.

Dançavam valsas, a pares. Harmoniosos, velhos e novos, rapazes e raparigas.

Todos, sem excepção, dançavam. Lentos, sem tocar uns nos outros. Dançavam quase como quem limpa o chão de folhas; os pés pareciam não querer magoar essa terra de que se haviam afastado devido à leveza do corpo.

Estes dias eram espectáculos tão belos e invulgares que nenhum turista os poderá alguma vez esquecer.

Apesar disso, no dia seguinte, regressados à leveza anterior, a pairar acima das nossas cabeças, os habitantes do país da Levitação olhavam-nos, envergonhados, como crianças que tivessem sido apanhadas a roubar chocolates. Consideravam aqueles dias de dança como fruto de uma falha na sua sabedoria. A única fraqueza, a única necessidade que ainda guardavam dos seus antepassados: dançar.

Regressei destas férias de natal no país da Levitação incomparavelmente mais descontraído e relaxado. Parecia outro. E, sei que não vão acreditar, mas durante a manhã após o meu regresso, no primeiro passeio que dei à volta do meu bairro, num calmo dia de domingo, não foi muito, mas posso jurar, posso garantir por tudo o que é sagrado, que os meus pés caminhavam uns centímetros, talvez não tanto: uns milímetros, mas de certeza, isso posso jurar, os meus pés caminhavam acima do solo, sem o tocar, um bocadinho acima do solo. 🍷





| A NOSSA CAPA |

AS IGREJAS DO NOSSO CONTENTAMENTO

Remodelados três espaços de culto de grande interesse patrimonial do concelho de Oeiras.

Conta-se que a origem da palavra Capela vem de São Martinho da Capa, ou melhor, da capa deste. Conta-se que após falecer, sua capa ficou de relíquia havendo um ‘mar’ de pessoas a rezar ao pé da capa, em homenagem ao seu dono. Um dia, entenderam erigir uma pequena igreja para proteger a Capa de São Martinho do sol e chuva bem como para melhor acolher os peregrinos. Assim sendo, passou-se a chamar Capela (de *capa*) a essa pequena Igreja e daí estendeu-se o nome às Igrejas pequeninas.

texto de Carla Rocha
fotos de Gabinete de Comunicação



Igreja de São Pedro de Barcarena

A Igreja de Barcarena é um templo cuja história se confunde com a própria povoação de Barcarena. Um documento de 1369 demonstra que esta Igreja se tornara o cerne do povoado cuja freguesia se desenvolveu a partir desse núcleo. Com o terramoto de 1755 ficou parcialmente destruída, mas rapidamente começou a ser reconstruída, mais precisamente no terceiro quartel do séc XVIII, decorria o ano de 1763.

O seu interior que é riquíssimo em artes decorativas, apresentava uma preocupante e galopante estado de degradação, cuja principal causa tem sido a água das chuvas que se infiltravam através da cobertura, causando nefastas consequências, não só para o interior bem como para a própria edificação.

Em estreita colaboração com os técnicos da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) no âmbito de protocolo assinado em 28 de Maio de 2003, as intervenções que se seguiram foram norteadas pelo princípio do manter a traça do monumento e dos testemunhos das diferentes épocas de intervenção, procurando rectificar e corrigir, sempre que se justificasse, intervenções anteriores que, pelas técnicas e materiais usados, em reparações pontuais ou nas tentativas de resolução de situações problemáticas, não respeitaram. De forma a estancar a permanente degradação a que o monumento e o seu interior estavam sujeitos, e antes de iniciar a recuperação e restauro deste, revestia-se de peculiar importância solucionar os problemas da cobertura. Para esse efeito foi executado um conjunto de trabalhos que consistiram no desmonte e substituição de toda a telha existente, envolvendo substituição de subtelha, a verificação do estado da estrutura dos telhados (madeira), sua reparação, demolição de muretes e beirados de acordo com as preexistências, substituição dos algerozes e tubos de queda e execução de rufos no mesmo material, ou seja, zinco. Foram impermeabilizados os pavimentos das torres sineiras. Nas cantarias houve limpeza e tratamento das juntas. Em complemento destes trabalhos procedeu-se à substituição e pintura de todos os rebocos dos paramentos das fachadas exteriores, incluindo os frontões principais e posteriores da Igreja, e as coberturas das torres sineiras. Também a porta principal e o conjunto de sinos, que se encontravam bastante degradados e em risco de queda iminente, foram reparados e pintados. Houve, igualmente a reparação das caixilharias em madeira. Estas acções no exterior são o início de uma intervenção de salvaguarda e restauro global, que se prevê estendida ao interior da Igreja. Estas acções inserem-se num âmbito mais vasto, na preservação, restauro e valorização do rico património construído e paisagístico do concelho, dos quais o referido protocolo com a DGEMN não é alheio.

Um documento de 1369 demonstra que esta Igreja se tornara o cerne do povoado cuja freguesia se desenvolveu a partir desse núcleo. Com o terramoto de 1755 ficou parcialmente destruída, mas rapidamente começou a ser reconstruída, mais precisamente no terceiro quartel do séc XVIII, decorria o ano de 1763.





Igreja de São Romão De Carnaxide

A reabilitação da cobertura e restauro do interior da capela do Santíssimo decorreu no âmbito das acções de restauro e conservação desenvolvidas pela Câmara Municipal de Oeiras na esfera da cooperação técnica que tem vindo a ocorrer com a e a DGEMN.

Para contribuir para esta recuperação e restauro, foi celebrado um protocolo entre a CMO e a Fábrica da Igreja Paroquial de S. Romão de Carnaxide nos termos do qual, a primeira se comprometeu a financiar a acção em € 28.435,00 (vinte e oito mil e quatrocentos e trinta e cinco euros).

Foi posteriormente proposto que a esse montante de comparticipação camarária, fossem acrescidos €3.339,24, mais Iva à taxa legal em vigor, com vista ao financiamento de um conjunto de trabalhos a mais, de natureza não prevista mas cuja concretização era justificada, numa perspectiva de restauro integral da Capela, face ao investimento realizado e sua valorização.

A Igreja de S. Romão de Carnaxide está localizada na zona antiga de Carnaxide, no Largo da Pátria Nova. Devido à sua implantação e volumetria destaca-se do aglomerado envolvente. Desconhece-se a sua data de construção, que segundo alguns, a Ermida de S. Romão, padroeiro dos Lavradores, foi originalmente implantada sobre uma mesquita, mas é consensual que foi reconstruída durante os séculos XVII e XVIII (concluída em 1713), segundo a traça actual. Trabalhos de reconstrução, no terceiro quartel do séc. XVIII, não obstante inevitável influência na caracterização da edificação, não foram suficientes para lhe alterarem a traça fundamental. No século XX, em princípios dos anos sessenta, foram realizados trabalhos na cobertura. Mais tarde, em 1970, houve intervenções na abóbada e numa das torres. Posteriormente, em inícios da década de oitenta foram-lhe construídos uns anexos adjacentes e a casa mortuária.

Neste exemplar de arquitectura religiosa, encontra-se um recheio artístico em talha dourada e policroma, pintura de cavalete e outros elementos artísticos: como o notável acervo de azulejaria, dentro do qual se inclui a excelência dos painéis da Capela-mor, datados do último quartel do séc. XVII, ou a pia baptismal e o relógio de Sol, datados de 1588.

A acção continuada de factores de degradação contribuiu, no decorrer do tempo, para a aceleração do processo natural de alteração física do imóvel e do seu recheio artístico, no geral evidenciado neste último nos sinais de desestabilização estrutural, mecânica e física. A Capela do Santíssimo é disto um exemplo: as alterações realizadas no escoamento das águas do telhado, na sequência da construção da capela mortuária, provocaram a ruptura desta capela quanto à sua capacidade de escoar essas águas. Por este motivo as infiltrações provocaram boa parte dos danos visíveis.

Trata-se de uma pequena capela do lado do Evangelho, decorada com estuques fundidos que definem molduras. Do seu acervo fazem parte, retábulo em talha, pintura sobre tela representando o arcanjo Gabriel, imagens de Nossa Senhora do Cacho, de médio porte, e S. Miguel, Santas Mães, S. João Batista e Santa Rita, todas de pequena dimensão. Foi elaborado no DPE (departamento de Projectos Especiais) da Câmara Municipal de Oeiras, o projecto de recuperação da respectiva cobertura (exterior), com o correspondente caderno de encargos e a descrição dos trabalhos a executar, com os quais foram conjugados, para enquadrar correctamente a intervenção, o Diagnóstico para Restauro do Interior da Capela, incluindo a terapia das anomalias existentes elaborado a uma firma especializada nesta área – a “Tacula – Marcenaria e Restauro, Lda”. Este último trabalho abrangeu os Estuques, o Retábulo, a Pintura em cavalete e a Estatuária, sendo que, o tratamento e restauro desta última, não foi contemplado na intervenção agora realizada. Para que melhor se perceba o estado de degradação, informa-se que a decoração em

Desconhece-se a sua data de construção, que segundo alguns, a Ermida de S. Romão, padroeiro dos Lavradores, foi originalmente implantada sobre uma mesquita, mas é consensual que foi reconstruída durante os séculos XVII e XVIII (concluída em 1713), segundo a traça actual.



gesso estava bastante danificada, com cerca de 40% da sua extensão irrecuperável, devido a apodrecimento e ao elevado nível de sais existentes nas paredes que migraram até à superfície e floresceram provocando a degradação do gesso e da pedra; o Retábulo, além da humidade excessiva, um dos principais inimigos das estruturas de madeira (quer pela degradação directa infringida pelo aumento de água no seu interior, quer pela susceptibilidade que este aumento representa ao ataque parasitário de insectos e fungos, quaisquer deles grandes responsáveis pela degradação e actual estado desta estrutura), a crescer ainda, um enterramento e um deslocamento do alçado à vertical, a par de outras alterações de forma (corte de molduras para posicionamento de imagem), o estado da cromia era igualmente deplorável com falta de ligação entre estratos e destes ao suporte, o que se reflectia em lacunas de grande dimensão; finalmente, a pintura em tela, apresentava alguns afrouxamentos e pequenos rasgões, e não obstante a o bom estado de conservação, para além da zona dos rasgões e de marcação da grade, orifícios, sendo que o seu aspecto geral era de grande sujidade acumulada e um endurecimento que se reflecte em fragilidade. A realização da acção de intervenção foi executada pela “A. Ludgero de Castro”, seleccionada após consulta ao mercado junto de firmas especializadas, que norteou a realização dos seus trabalhos em consonância com essa especialização, designadamente em termos de critérios de intervenção e metodologia de trabalho.

Desse modo, intervenção realizou-se ao nível de Conservação e Restauro da talha dourada e policroma e suporte em estuque na Capela do Santíssimo, tendo como objectivo a correcção de situações patológicas existentes, não esquecendo que, para o seu êxito, seria fundamental proceder à eliminação ou controlo dessas causas.

Por outro lado considerou a preservação com autenticidade do espaço e dos elementos arquitectónicos, fundamental à preservação do monumento: a Conservação e Restauro de qualquer obra de arte não tem como objectivo a sua renovação, mas a restituição da sua integridade física e visual. Como tal aplicaram-se métodos, técnicas e produtos compatíveis, de carácter reversível e de envelhecimento devidamente estudado para este fim.

Foi dada prioridade à conservação, com o objectivo de estagnar o processo de degradação, restituindo às obras alguma robustez. Com este tratamento procurou evitar-se e limitar-se toda e qualquer perda sobre os materiais /elementos em tratamento e garantiu-se a manutenção da autenticidade de todas as estruturas e bens artísticos alvo da operação. Sempre que possível foram mantidos e recuperados todos os materiais originais. O restauro visou devolver a integridade visual à obra, nunca passando o limite restauro/falsificação. Nas lacunas, a reintegração procurou apresentar um carácter reversível, harmonioso e procurou distinguir-se do original para não falsificar o seu testemunho (artístico e histórico). No decorrer da intervenção, foram acrescentados alguns trabalhos a mais;



por um lado com vista a melhor solucionar problemas, só detectados após a remoção do altar (para oficina especializada no respectivo restauro), e, por outro, para corrigir situações existentes cuja natureza o requeria, todos plenamente justificados no contexto da recuperação e restauro integral da Capela.

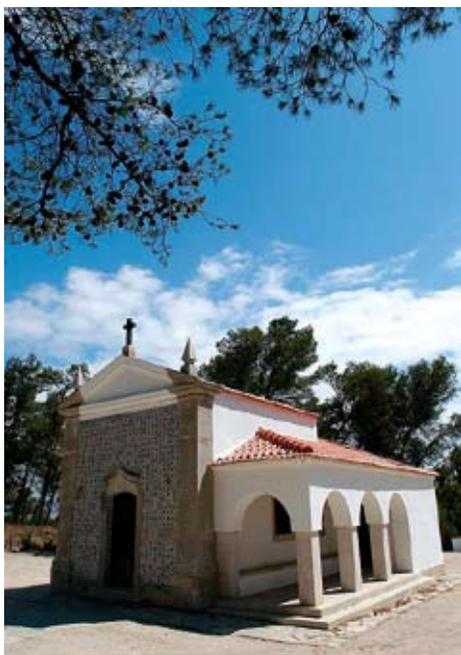
Os trabalhos foram acompanhados por representantes da Paróquia de S. Romão de Carnaxide, da Direcção Regional de Lisboa da DGEMN e do Departamento de Projectos Especiais da CMO.

Capela Nossa Senhora da Boa Viagem, Cruz-Quebrada/Dafundo

Construída em 1734, esta igreja esteve durante anos fechada ao culto, sendo por muitos desconhecida, uma vez que se encontra envolvida pela vegetação do Complexo Desportivo do Jamor. Trata-se de uma pequena capela rústica dedicada à Nossa Senhora da Boa Viagem, construída no local onde outrora existiu o convento de Nossa Senhora da Boa Viagem. As obras de conservação e restauro deste espaço contaram com o apoio técnico da câmara Municipal de Oeiras e foi efectuada pela Junta de Freguesia da Cruz-Quebrada – Dafundo. O destaque desta intervenção vai para o conjunto azulejar que forra a fachada principal da capela cuja fragilidade e estado de conservação motivaram particulares cuidados. O painel constituído por azulejos do século XVII/XVIII de figura avulsa representando tipologia de flores, cestos de frutas, figuras humanas, pássaros, coelhos e barcos com uma e duas velas, foi tratado no local de forma a evitar-se maiores danos motivados pela sua remoção e posterior colocação. A remoção de alguns azulejos deveu-se a problemas de aderência e risco de destacamento e ao elevado grau de degradação da superfície vidrada. Foram executadas 60 réplicas dos azulejos para aplicação nos espaços onde estes há muito haviam sido substituídos por argamassa e para substituição daqueles (poucos) cujo estado de degradação era demasiado avançado para permitir a sua recuperação.

Desta recuperação e restauro, é importante referirmos que os trabalhos efectuados incluíram o levantamento e a limpeza da cobertura com substituição de telhas e apoios danificados, a substituição do reboco e da pintura geral. Procedeu-se à substituição da porta principal da capela, bem como se procedeu, tal como já tínhamos afirmado, ao painel de azulejos incluindo a execução de azulejos para preenchimento de vazios ou substituição de unidades totalmente degradadas. Procedeu-se à limpeza das pedras, reparação das janelas como consequente pintura. Por fim, realizou-se a reparação e limpeza e pintura do interior da capela, bem como a reparação dos muros envolventes ao adro da igreja. 🌟

Trata-se de uma pequena capela rústica dedicada à Nossa Senhora da Boa Viagem, construída no local onde outrora existiu o convento de Nossa Senhora da Boa Viagem.







| CAUSA PÚBLICA |

A OUVIR O MURMÚRIO DAS ONDAS

Centro de Coordenação e Controlo de Tráfego Marítimo e Segurança

texto de Sónia Correia
fotos de Carmo Montanha

Na luz oscilam os múltiplos navios
Caminho ao longo dos oceanos frios

As ondas desenrolam os seus braços
E brancas tombam de bruços

A praia é lis e longa sob o vento
Saturada de espaços e maresia

E para trás fica o murmúrio
Das ondas enroladas como búzios

Sophia de Mello Breyner

Não são já as naus que partem nem os corsários o principal receio. As preocupações de quem zela pela segurança de um porto marítimo centram-se, hoje, em questões como a poluição e o terrorismo. A tecnologia dá uma (preciosa) ajuda, mas é preciso, mais que nunca, estar de olhos bem abertos...

A principal sala de operações do edifício do Centro de Coordenação e Controlo de Tráfego Marítimo e Segurança, em Algés, não tem janelas.

Tem paredes de vidro.

A vista é indescritível. A sensação que se tem é a de se estar num navio, de tal forma estão bem entrosados o edifício, de linhas muito simples, e o rio.

Não fosse o nevoeiro, ter-se-ia ainda uma melhor percepção de todas as embarcações que chegam e que partem.

Mas a neblina que paira sobre a água tem o seu encanto.

Confere ao momento uma plasticidade quase artística.

Bem diferente do que decorre nos diversos monitores de computador com os quais trabalha o operador de serviço.

Ali não há subjectividade. Há números, dados, factos, indicações precisas. As cartas marítimas do século XXI não são desenhadas em papiro e não se desenrolam sobre uma mesa.

Na carta electrónica exibida num dos monitores é possível 'ver' o Barreiro, Cacilhas, a ponte sobre o Tejo, a zona ribeirinha de Oeiras, o Forte de São Julião, o Bugio, todo o canal de entrada (ou saída)

da barra. Pontinhos coloridos movendo-se devagar representam os trajectos dos navios que entram e saem. Sempre devidamente identificados. Nome, velocidade de navegação e a indicação do rumo que tomam são dados fundamentais para quem está no comando das operações.

A isto se chama Centro de Controlo de Tráfego, "a principal razão pela qual o edifício foi construído neste sítio", conforme explica Eduardo Pinhaços Santos, director de Segurança e Ambiente deste serviço da Administração do Porto de Lisboa.

Permanentemente, ao longo das 24 horas de todos os dias, um operador está frente-a-frente com esta carta electrónica que exhibe informação sobre o movimento do porto, captada através de duas antenas de radar instaladas na margem oposta do rio, que comunicam o sinal para Algés com recurso a um link de micro-ondas.

"Este círculo é o nosso limite de controlo", explica Eduardo Santos, apontando um dos monitores. A entrada do rio, os cabos Raso, da Roca e Espichel, está tudo ali. "Todos os navios que entram para dentro deste círculo, por princípio, reportam". Quem são, o que transportam – nomeadamente quando se trata de mercadorias pe-



rigosas – e o que vêm fazer a Lisboa são informações que, à partida, constam do processo elaborado pelos agentes de navegação e ao qual os operadores têm acesso.

“A preocupação dos operadores reside, essencialmente, na confirmação do calado – a quantidade de água de que necessita para não ficar em seco e encalhar – e do porto de procedência”. Os sistemas automáticos de identificação – há muito utilizados na aeronáutica – são, hoje, um auxiliar indispensável. Mesmo que os navios “voem mais baixo e um bocadinho mais devagar...”.

Cinco outros monitores exibem, ainda, em directo, as imagens que estão a ser captadas pelas cinco câmaras de filmar instaladas nas docas de recreio – Bom Sucesso, Belém, Santo Amaro, Rocha Conde d’Óbidos e entrada da ponte móvel na doca de Alcântara.

Funcionam como complemento à restante informação a que o operador de serviço tem acesso.

A gestão dos terminais de passageiros de Alcântara, Rocha Conde d’Óbidos e um em Santa Apolónia também é feita a partir deste centro, com a ajuda de diversas câmaras de vigilância, cujas imagens ficam registadas.

“Essas câmaras funcionam ao abrigo de uma outra preocupação, mais específica, relacionada com a protecção e com o controlo do acesso de pessoas”, esclarece Eduardo Santos.

SEGURANÇA, SEGURANÇA... E MAIS SEGURANÇA

O Centro de Coordenação e Controlo de Tráfego Marítimo e Segurança, na dependência da Administração do Porto de Lisboa, reúne, desde 2001, num mesmo edifício, uma série de serviços operacionais do porto, relacionados com a segurança da navegação, das mercadorias, das pessoas e das operações portuárias, com a gestão de espaços no porto e com o ambiente.

Com uma vista privilegiada sobre o rio, o Serviço de Controlo de Tráfego monitoriza “o movimento dos navios, desde que se aproximam ao porto de Lisboa, até que atracam, e na saída. Todos os movimentos, incluindo o movimento dos cacilheiros, são monitorizados por nós”, sublinha Eduardo Santos.

Coadjuvar a actuação dos comandantes, no que respeita às manobras de entrada e saída dos navios do porto, é a missão do serviço de pilotagem, que funciona no mesmo edifício.



Avaliar o impacte ambiental do movimento de navios ou a qualidade do ar nas operações portuárias são outras das missões do centro, asseguradas por um departamento de ambiente que zela pela “parte operacional”.

O centro assegura, ainda, a fiscalização do porto, no sentido de “garantir que as actividades que ali decorrem e as ocupações estão de acordo com o que está autorizado”, em paralelo com o controlo de acessos nos terminais de passageiros.

Avaliar o impacte ambiental do movimento de navios ou a qualidade do ar nas operações portuárias são outras das missões do centro, asseguradas por um departamento de ambiente que zela pela “parte operacional”. Os sistemas de segurança dos edifícios afectos à Administração do Porto de Lisboa, os mecanismos de alarme, detecção e combate a incêndios, de controlo de bagagens nos acessos aos terminais de passageiros, balizagem e sinalização no rio na área portuária, verificação de mercadorias perigosas e de avarias em navios, estão, também, sob a alçada deste centro.

Para garantir que todos os movimentos realizados numa área de aproximadamente 25 milhas – aproximação ao porto, entrada do porto e até à ponte Vasco da Gama – decorrem em condições de segurança, exercem a sua actividade, no centro, perto de 130 pessoas. Gozando do privilégio de trabalhar com os pés assentes na terra... praticamente dentro do rio. 🌊



| OEIRAS IMAGINÁRIA |



RUA FEBUS MONIZ



LARGO 5 DE OUTUBRO



RUA CÂNDIDO DOS REIS

RUA MARQUÊS DE POMBAL



OEIRAS IN VITRO

OEIRAS IN VITRO

texto de Luis Maria Baptista
fotos de Luis Maria Baptista

Passamos no centro histórico das cidades, mas não permanecemos lá, por muitas e variadas razões. O centro das cidades está desactivado. Não é o nosso principal destino quando nos movimentamos.

É esta a realidade da maior parte dos centros históricos das cidades portuguesas, e nela incluem-se cidades tão importantes como Lisboa e Porto, por onde se passeiam diariamente dezenas de visitantes estrangeiros. Ficamos perante vazios urbanos, cuja principal particularidade é a transparência e a invisibilidade resultantes da desertificação contínua. Os centros são / estão vazios. São espaços de exposição de vazios inúteis.

Oeiras não foge à regra. O vazio programático num pedaço de cidade com a importância histórica de Oeiras, principalmente do fragmento urbano que é o centro histórico, é o reflexo da desactivação e do abandono dos espaços de comércio tradicional a que se assiste no presente: pequenas lojas fora de tempo, um pouco por toda a cidade, com mais visibilidade no centro.

O centro das cidades do nosso concelho já não é o que era. Refiro-me não só à vida comercial que tiveram, mas principalmente ao centro para onde confluíam grupos de gente nova e não só, em busca de cultura e de distração proporcionada pelos cinemas / cine-teatros que então havia nas vilas, junto dos largos e jardins existentes, e por toda a animação que alguns pequenos espaços, snack-bares e tabernas, proporcionavam a quem aí se reunia fervorosamente.

Hoje por esses centros vagueiam, essencialmente, gentes mais velhas e as lojas que sobrevivem não têm qualquer perspectiva de melhores dias.

A estratégia de reabilitação e dinamização não passa unicamente pela salvaguarda do património arquitectónico existente, como modo de atrair novas populações para o centro das cidades, passa principalmente pela alteração, substituição e renovação dos conteúdos temáticos e programáticos que são capaz de oferecer a quem decide fixar-se neles ou simplesmente aí passear.

O centro da cidade como espaço privilegiado de encontro e de trocas de bens e cultura deve ser rapidamente retomado, pelo bem da sobrevivência real e física do espaço público exterior. A cultura artística contemporânea, a par da cultura arquitectónica, afigura-se-me como o único, o urgente e o verdadeiro bem capaz de fazer e apontar caminhos para a reabilitação do centro das nossas cidades e simultaneamente de quem se passeie ou caminhe neles. É urgente atrair novos públicos - cidadãos comuns, novos moradores, poetas, artistas, pensadores e turistas - para o espaço urbano central da cidade. É urgente informar - mudar de forma - as nossas cidades.

O projecto que a seguir apresento, que dá pelo nome de "Oeiras in vitro", sonhado para a realidade do nosso concelho, tem essa pretensão.



DEFINIÇÃO E CONCEITO

Oeiras in vitro é um projecto de arte contemporânea laboratorial de alteração programática do espaço da cidade tradicional, resultante de um conceito lato de exposição pública do espaço e do corpo humano em vitrinas.

- Contempla e divulga expressões artísticas com a arquitectura, o vídeo, a fotografia, a música, a instalação, a dança e a performance, entre outras.
- Ocupa paralelamente ao espaço público das ruas e das praças, o espaço da espessura das montras / vitrinas dos espaços comerciais do centro histórico desactivado, da cidade onde aparece, não só com os resultados artísticos / objectos de arte dessas práticas, mas também com o corpo “in loco” dos artistas e dos intérpretes dos trabalhos criados para o evento.
- Altera as relações de fusão e limite entre o espaço, o corpo humano e a obra de arte.
- Questiona, reformula e cria / inventa novos conceitos / conteúdos / programas temáticos de reconversão do uso e da ocupação do espaço da cidade que já não é tradicional.
- Questiona e ocupa corporalmente e artisticamente o espaço das vitrinas / montras dos espaços comerciais do centro da cidade onde se manifesta.
- Reabilita e activa espaços tradicionais desactivados com novos programas urbanos de encontro, debate e comércio.

- Ocupa o espaço público exterior dos largos e das praças com a construção de obras de arte / espaços-instalação à escala urbana de acordo com a temática do projecto.

- Cria espaços públicos de debate e reflexão sobre a validade e a natureza conceptual do projecto.

- Descentraliza um evento desta natureza dos habituais espaços de exposição e possibilita que um maior número de pessoas entre em contacto de forma desprevenida com conceitos de cultura e arte contemporânea.

- Revitaliza e dinamiza a realidade do espaço urbano onde acontece e simultaneamente proporciona o aparecimento e a criação de novos públicos alvo, nos quais incluo principalmente os utentes da cidade.

Oeiras in vitro é um laboratório de experimentação e manipulação artística consentida da vida e da realidade arquitectónica e urbana do espaço da cidade e de quem por ele passar, que inventa um homem novo: “O Homem das Vitrinas”.

OBJECTIVOS E METODOLOGIAS

Oeiras in vitro é um projecto de arte contemporânea de reabilitação, renovação e dinamização do centro histórico de Oeiras. Transforma-o num espaço de exposição e divulgação da cultura e da arte contemporânea, onde o corpo humano é o principal suporte artístico associado às novas tecnologias e às artes performativas sob a forma de *happenings* e instalações.



Com o objectivo de:

- Criação de uma nova realidade urbana laboratorial, capaz de criar do ponto de vista cultural “novos corpos humanos”, atentos à alteração programática da vocação tradicional do espaço de uma rua, através da reconversão e da ocupação de espaços comerciais tradicionais, desactivados, com novas funções programáticas de cultura.
- Divulgação pública e quotidiana de diversas áreas / práticas artísticas contemporâneas como a instalação (maquetas / modelos vivos de experimentação de soluções de arquitectura), o vídeo, a performance, a música, a dança, a fotografia e a arquitectura.
- Concentração de profissões, não-profissionais e profissionais da cultura artística, à semelhança das antigas ruas de artesãos, nomeadas pelo nome do ofício que albergavam / acolhiam.
- Descentralização e alteração dos espaços tradicionais de exposição e realizações culturais.
- Alteração de públicos alvo e simultaneamente apontar possibilidades de reconversão cultural dos espaços urbanos, através da concentração pública de várias práticas artísticas numa espécie de Museu / Galeria de Rua.
- Questionar o espaço da rua tradicional, através da substituição das suas funções comerciais e das suas formas tradicionais de vivência e experimentação, pelo aparecimento de novas profissões da cultura, transformando a cultura na única mercadoria passível de ser trocada e transaccionada, onde o corpo humano é o principal material de

construção, o tema e o suporte por excelência dos bens e produtos manufacturados / produzidos / fabricados.

A realidade de vida de cada transeunte passará a estar exposta ao olhar, ao pensamento, aos comentários e às interpelações físicas, verbais e artísticas de quem estiver nesses espaços de vitrina, encarregue de transformar o transeunte-espectador num agente formalizador da obra de arte.

Através da:

- Criação de um “ Museu de Rua / Galeria de Rua”, uma espécie de “ Galeria Humana” – “Peep Show Street” – resultante do aparecimento natural e artístico de personagens-ideias de diversas práticas artísticas no espaço público das ruas e da curiosidade voyeur de quem passa e a ela se desloca exclusivamente para ver o corpo de quem está exposto, sem qualquer curiosidade artística desenvolvida, mas com o desejo intensificado ao longo da vida.
- Criação de um “Museu Imaginário” vocacionado para a exposição do corpo humano, enquanto suporte artístico e tema presente / visível nas mais diversas criações / práticas artísticas, nos espaços comerciais fisicamente separados de uma rua. O corpo humano como suporte / agente formalizador, criador e transformador das obras em exposição.
- Criação de Novos Programas (lúdicos, culturais e comerciais) Urbanos.

- Animação de largos e praças através de eventos performativos, concertos, workshops e debates de reflexão sobre o lugar da arte contemporânea na reabilitação, dinamização e revitalização dos espaços / núcleos históricos e sobre a natureza conceitual do projecto.
- Instalação de equipamentos interactivos, lúdicos, arquitectónicos e artísticos.
- Apresentação pública (animação de rua) de projectos artísticos de alteração aos estados humanos.
- Parceria com espaços comerciais, associações, instituições, ideias e marcas comerciais inovadoras.

IA IMPORTÂNCIA SOCIAL, ARTÍSTICA E CULTURAL DE OEIRAS IN VITRO

Oeiras in vitro é um projecto de arte contemporânea, de manipulação humana consentida de educação espacial das massas que mostra:

- a importância que a criação de ficções, assume na manutenção das nossas relações quotidianas reais e ideais, pessoais e profissionais.
- que só através da constante troca e criação diária de ficções: sob a forma de histórias de amor, pessoas, invenções poéticas e literárias, criações artísticas e criações profissionais, teremos conteúdos reais e imaginários para comunicar, capazes de aguentar e aumentar qualquer espécie de relação humana em que nos encontrarmos, parental, fraterno, amizade ou amorosa.
- que só através da invenção e descoberta diária da cultura se poderá combater o vazio que assola as nossas sociedades contemporâneas.
- como qualquer tipo de dependência humana, objectual ou química, são reflexo do estado subdesenvolvido culturalmente em que vivemos.

CONCLUSÃO

Insisto e repito para terminar. O vazio e a desactivação dos centros históricos, comum a tantas cidades, em contraste com a memória que guardamos deles, faz-nos acreditar / pressentir que só através da alteração, reabilitação e substituição (temporária / permanente) dos conteúdos da sua vocação tradicional por conteúdos da cultura contemporânea, poderemos experimentar e descobrir novas formas comunitárias lúdicas e culturais de experimentar o centro da cidade ou qualquer outro espaço público exterior.

A recuperação a que assistimos do espaço físico vazio, não traz a resolução do outro vazio, não menos importante que se relaciona com a dinamização, renovação e alteração das formas de uso da cidade. A ocupação do espaço pelos habituais programas de serviços: lojas, escritórios e bancos ao nível do

piso térreo não é suficiente. O problema não passa somente pelo preenchimento dos espaços vazios ou pela qualidade arquitectónica das soluções dos projectos a construir, passa antes de tudo pelo questionamento, pela reformulação e criação / invenção de novos conteúdos / programas temáticos de reconversão do uso e da ocupação do espaço da cidade que já não é tradicional. É neste sentido que enquadro a proposta que aqui acabo de imaginar e as repetições constantes que ao longo dela fui deixando.

Oeiras in vitro, é uma reflexão sobre o vazio transparente que assola as nossas cidades e o olhar de quem as percorre e já não se passeia nem permanece nelas. É uma reflexão sobre os usos do espaço e do corpo e de como este último se pode fundir no espaço a partir do momento em que desenvolve acções formalizadoras / realizadoras de obras de arte contemporânea.

É um espaço de devolução do romantismo e do charme ao centro histórico das cidades a partir da criação culta de estratégias artísticas de encontro e de enamoramento entre os seus utentes, os artistas e as respectivas obras a que dão (o) corpo. Em última instância é um projecto da / de imaginação do Amor.

LOCALIZAÇÃO

Oeiras in vitro propõe a alteração programática Centro Histórico de Oeiras, compreendido entre o espaço da Rua Marquês de Pombal, a Rua Cândido dos Reis, a Rua Febus Moniz e o Largo 5 de Outubro. O carácter universal e a abrangência conceitual dos conteúdos do projecto *Oeiras In Vitro*, torna possível a sua realização noutros sítios com contextos de vazio semelhantes. ♥

Oeiras in Vitro

MAN + WOMAN = HUMAN LIGHT STREET
HUMAN ART STREET, HUMAN GALLERY, HUMAN LIGHT
DISTRICT, BODY ART STREET

- É um espaço de EXPOSIÇÃO DO CORPO HUMANO e de incitamento às práticas artísticas a partir dele.
- É um CENTRO DE CHOQUES ARTÍSTICOS.
- É um espaço especializado na MANUTENÇÃO FÍSICA
- E NA REABILITAÇÃO CULTURAL do CORPO HUMANO e da VIDA.
- É um CENTRO DE RECUPERAÇÃO ARTÍSTICO DA VIDA.
- É um Centro de Educação Artística.
- É um Centro de Multiusos do corpo natural.
- É um espaço de exercitamento e de consentimento do OLHAR, sobre o corpo do outro.
- É um centro de fusão do corpo sensível e do espaço arquitectónico e urbano.
- É um espaço que transforma a arte contemporânea num Estado Humano Religioso.
- É UM ESPAÇO DE CRIAÇÃO / PRODUÇÃO DE BELEZA URBANA.
- É UM APARELHO REPRODUTOR ARTÍSTICO.
- É um espaço de aparência e de abrigo de processos de substancialização, ficcionalização e enamoramento, humanos e artísticos.
- É UM CATALIZADOR / REVITALIZADOR ARTÍSTICO DO CENTRO HISTÓRICO DE OEIRAS.
- É a vida transformada numa obra de arte!



OEIRAS IN VITRO



“PARA FAZER CIÊNCIA, OEIRAS É UM DOS MELHORES SÍTIOS EM PORTUGAL”

José Pereira Leal, investigador principal no IGC

Um investigador sem laboratório? Sem tubos de ensaio, sem microscópios, sem balões, sem provetas?... Lá se vai grande parte dos preconceitos... e dos lugares comuns, aos quais tinha pensado recorrer, para a elaboração desta entrevista...

texto de Sónia Correia
fotos de Carmo Montanha

Pois bem, é tempo de repensar a estratégia. Porque este investigador, este, especificamente, não nos recebe num laboratório nem tem, imagine-se, laboratório para mostrar.

Só um gabinete – vista para o jardim – uma secretária e um computador, um poster do homem na Lua. E outro, maior, mais uns quantos computadores, que é o gabinete do grupo de investigação ao qual pertence no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), o de Genómica Computacional.

Bioquímico de formação, José Pereira Leal foi um dos dois investigadores do IGC distinguidos com a atribuição das Bolsas de Instalação para Jovens Cientistas ‘Começar em Oeiras’ atribuídas em 2007, pela primeira vez, pela Câmara Municipal.

O júri assinalou o facto de se tratarem – Mónica Dias e José Leal

– de “jovens cientistas com um percurso científico notável, com publicações de referência na área de especialidade e que contribuirão decerto para a valorização da comunidade científica do campus de Oeiras”.

A bolsa, no valor de 30 mil euros, tem como objectivo permitir que os investigadores principais que pretendam instalar-se e criar um novo grupo de investigação científica em instituições de investigação científica sedeadas no concelho possam levar a cabo, logo de início e em condições de eficiência, os trabalhos que se propõem realizar. Um incentivo que José Pereira Leal considera ter tido, no seu caso pessoal, um “impacto brutal”.

Antes de mais porque “todo o meu trabalho é teórico”.

‘Teórico’, neste contexto, é o mesmo que dizer que este investiga-

“A Câmara de Oeiras tem apoiado muitos projectos relacionados com ciência. Acho isso fantástico. Ao ponto de ter vindo para Portugal e ter acabado por me mudar para Oeiras. Vivo cá e estou muito satisfeito. É um sítio bastante interessante para se viver, em parte porque, claramente, há uma aposta da Câmara em ciência e isso é muito bem-vindo”.

dor trabalha “com computadores, apenas – a sala do meu grupo é um gabinete cheio de secretárias e computadores... bastante diferente de um laboratório ‘a sério’”. Lá está. Mais um tiro certo no nosso porta-aviões de ideias preconcebidas.

“Naturalmente, para este tipo de investigação precisamos de menos dinheiro em geral. Logo, ‘menos dinheiro’ acaba por ser ‘muito dinheiro’ para nós”.

Regressado a Portugal, dos Estados Unidos, em 2006, José Pereira Leal iniciou nesse ano a via-sacra a caminho do financiamento para projectos de investigação.

“Apresentei candidaturas, que é o que se faz normalmente em Portugal, e ao fim dois anos sei que já tenho um projecto aprovado mas continuo à espera que os contratos sejam assinados”.

Essa é uma das razões pelas quais “o dinheiro desta bolsa tem sido a minha salvação”.

“Obviamente que não podia estar a fazer nada se não tivesse o apoio do IGC, e da Fundação, até porque mesmo um laboratório barato é caro de montar. Mas a bolsa surgiu numa altura muito especial da minha carreira, na qual eu precisava de ter dinheiro... e não pude contar com o funcionamento das instituições do Estado”. Soma-se a vantagem, na opinião de José Leal, de este ser um financiamento “relativamente ao qual não tenho de dar justifica-

ções. É muito difícil ter dinheiro com estas características, particularmente em Portugal”.

O que é que isto significa, ao certo?

Que “posso fazer o que quero com este dinheiro”. ‘No strings attached’. Que é como quem diz ‘sem compromisso’. “Com este dinheiro estou a pagar uma bolsa de mestrado – pequenina – comprei equipamento, fui a congressos... Nesta fase da minha carreira foi muito importante poder dispor de uma verba que não está ‘atada’ a qualquer outra coisa”.

A verba recebida em resultado da atribuição da bolsa tem permitido, por exemplo, “pagar a um estudante que está a fazer um projecto giríssimo, relacionado com o estudo do processo segundo o qual um organismo se torna parasita de outro”.

Serviu, também, para custear a recente deslocação aos Estados Unidos, onde José Leal apresentou, no maior congresso de biologia celular do Mundo, trabalho “feito cá”.

“Foi óptimo, porque permitiu discutir trabalho com imensas pessoas, que nos deram imensas sugestões interessantes”.

Dois exemplos de como “pouco dinheiro, neste caso, serviu para muito”.

Por outro lado, José Leal realça que “em Portugal estamos muito habituados a esperar que o Estado faça tudo. Eu acho muito bem

que o Poder Local se envolva com este tipo de projectos e apoie a ciência. Até porque pequenos apoios podem, como se vê, fazer alguma diferença”.

“A Câmara de Oeiras tem apoiado muitos projectos relacionados com ciência. Acho isso fantástico. Ao ponto de ter vindo para Portugal e ter acabado por me mudar para Oeiras. Vivo cá e estou muito satisfeito. É um sítio bastante interessante para se viver, em parte porque, claramente, há uma aposta da Câmara em ciência e isso é muito bem-vindo”.

“O QUE EU FAÇO É BASTANTE ABSTRACTO”:

Sabemos que não trabalha num laboratório ‘a sério’ e que a sua principal ferramenta de trabalho é o computador.

Até aqui nada o distingue de milhares de outros profissionais no concelho.

“O que eu faço é bastante abstracto”.

Solta-se o sorriso.

E então?

“Programo, a maior parte dos dias”.

Agora a sério.

“O meu grupo chama-se Grupo de Genómica Computacional. Isto significa que utilizamos computadores no nosso trabalho e que trabalhamos à escala genómica, ou seja, não estamos interessados apenas num, mas sim nos padrões que aparecem em genomas completos”.

E mais?

“Estou essencialmente interessado em algo que se chama compartimentalização – sabemos, por exemplo, que os cromossomas nas nossas células estão rodeados de uma membrana, estão separados do resto da célula, e há razões para isto. O meu estudo incide sobre a forma como acontece esta compartimentalização, utilizando técnicas da sociologia – podemos perguntar porque é que há moléculas que interagem com umas e não interagem com outras, na tentativa de perceber a sociologia das moléculas e a lógica destas interacções”.

Claro. Não? Então “vamos tentar outra abordagem”. Vamos lá.

“Estudo evolução, acima de tudo. Evolução de moléculas. Neste momento estou a começar um projecto, em colaboração com um grupo do ITQB, o grupo do Adriano Henriques, com o qual tenho um interesse em comum: gostamos muito de ficção científica”.

Daí o poster do homem na Lua. Tudo faz sentido, afinal.

“O Adriano Henriques estuda uma bactéria, o bacillus subtilis, que tem uma característica muito interessante: quando fica com muita fome, ou fica aflita, por alguma razão, faz um esporo. Este esporo é a estrutura mais resistente que a biologia conseguiu alguma vez descrever”.

Em conjunto com este grupo, José Leal tem-se debruçado sobre “a evolução desta estrutura”, no sentido de perceber “como é que ela se formou, reconstruir as diversas etapas da sua formação,



identificar novos componentes, gerar hipóteses e testá-las, depois, em laboratório”. Conhecer o inimigo para o aniquilar depois. É mais ou menos isto, acreditem.

“Se conseguirmos perceber como é que o esporo é feito, podemos identificar as suas fraquezas e explorá-las, depois, no desenvolvimento de medicamentos, por exemplo”.

LEVAR A BIOINFORMÁTICA ÀS ESCOLAS

Paralelamente, José Leal assume ainda responsabilidades numa das Unidades de Serviço do IGC.

“Numa Unidade não temos como objectivo encontrar conhecimento novo – isso é o que os Grupos de Investigação fazem –, mas antes providenciar um serviço”.

Um dos projectos desta Unidade de Bioinformática está a ser desenvolvido, e testado, em duas escolas secundárias, sendo que uma delas é a da Quinta do Marquês, em Oeiras.

A ideia será implementar, em conjunto com os professores, méto-

Consciente do enorme potencial destas ferramentas, a Unidade avançou para a criação do projecto 'Bioinformática na Escola', que visa, essencialmente, “desenvolver materiais para serem utilizados pelos professores, a acompanhar o currículo das cadeiras de Biologia e relacionadas”.

dos de aprendizagem baseados na descoberta, mais pró-activos do que passivos.

Fazê-lo em laboratório era uma hipótese, não fosse o facto de o trabalho de laboratório ser “caríssimo”.

É aqui que entram em cena as tecnologias. “Todo o nosso trabalho é trabalho de investigação, mas só com recurso a computadores e utilizando, na maior parte das vezes, software gratuito”, explica José Leal.

Consciente do enorme potencial destas ferramentas, a Unidade avançou para a criação do projecto 'Bioinformática na Escola', que visa, essencialmente, “desenvolver materiais para serem utilizados pelos professores, a acompanhar o currículo das cadeiras de Biologia e relacionadas”.

Em colaboração com docentes o grupo do IGC desenvolveu o web site que já está a ser testado, nas escolas, pelos alunos.

“A ideia é que os alunos descubram, por eles próprios, mais sobre estrutura genética. No final dos exercícios propostos, é suposto que percebam porque é que há pessoas que vêem a cores, enquanto outras vêem a preto e branco, ou porque é que alguns animais só vêem algumas cores”. Depois de aceder ao site e aos exercícios propostos, os alunos recebem instruções e realizam experiências utilizando precisamente os mesmos recursos que os cientistas utilizam, “os recursos que eu próprio uso no meu trabalho”.

“À medida que o exercício vai avançando as perguntas tornam-se mais complexas. Complexas no sentido de deixarem de ser óbvias – a resposta não está escrita algures, é preciso pensar, cada vez mais”. Em desenvolvimento em duas escolas, a experiência piloto envolve, no total, sete professores e um conjunto de 150 estudantes.

A avaliação será feita no final do ano lectivo, altura em que “vamos poder perceber se fizemos alguma diferença e, admitindo que tudo corre bem, alargar a experiência, tentar envolver no projecto outras entidades, mais escolas e desenvolver materiais para outros anos lectivos”.

PERCURSO

José Pereira Leal formou-se em Bioquímica, em Lisboa. O percurso pós-licenciatura incluiu um estágio, trabalho de campo, o ingresso no programa Gulbenkian de doutoramento em Biologia e Medicina, contemplando um ano de aulas, “fantástico, é impossível descrever quão bom foi”.

Rumou depois ao Texas, onde trabalhou com um português, “curiosamente”. E depois para Londres, onde permaneceu alguns anos.

“Ao longo do doutoramento em Bioquímica comecei a desenvolver interesse por evolução e pela utilização de computadores. Percebi que há muita coisa que se pode fazer com um computador em Biologia, sem sequer entrar num laboratório. E cheguei à conclusão que gostava mesmo de analisar resultados e pensar sobre as experiências... mais do que de estar a mudar água de um tubo para outro”. Passou ainda por Cambridge, onde esteve dois anos, antes de regressar aos Estados Unidos, para nova permanência de dois anos. Foi então que começou “a pensar voltar para Portugal”. Concorreu “a uma posição que abriu aqui no Instituto, no âmbito do Laboratório Associado”, e teve “a felicidade” de ser seleccionado. Porquê aqui?

Porque “para fazer ciência, Oeiras é, neste momento, um dos melhores sítios em Portugal”. ♥







| INESQUECÍVEL |

NOVA OEIRAS

Património Moderno para um Futuro Sustentável

No passado dia 17 de Novembro decorreu no centro parquial de Nova Oeiras o colóquio subordinado ao tema «Nova Oeiras – Património Moderno para um Futuro Sustentável». O encontro, organizado pela associação de moradores Nova Oeiras, contou com a participação dos arquitectos Ana Tostões, Aurora Carapinha, Gonçalo Ribeiro Teles, José Manuel Fernandes, Nuno portas e Pedro Brandão. Esta iniciativa demonstra, por si só, a preocupação que a Associação de Moradores Nova Oeiras (AMNO) possui em perceber os novos paradigmas urbanísticos, bem como os novos desafios que se colocam ao bairro Nova Oeiras, bairro este com as características tão singulares e específicas que possui. O bairro Nova Oeiras é um dos exemplos de urbanismo do Movimento Moderno mais emblemático não só do concelho de Oeiras bem como do território nacional.

Nova Oeiras foi claramente influenciada pelas tendências renovadoras do modernismo arquitectónico e urbanístico, baseadas na concepção de Le Corbusier e definidas na Carta de Atenas (1933), que propunham espaços humanizados assentes em «cidades-jardim». O plano geral de Nova Oeiras esteve a cargo do arquitecto Cristino da Silva, enquanto que o enquadramento paisagístico esteve a cargo do Arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Teles, nosso convidado desta edição, e de Edgar Sampaio. A construção do núcleo base ficou concluída em 1961. Nova Oeiras é constituída por seis torres de dez pisos e planta triangular; três blocos de três andares assentes em pilotis, um centro cívico e comercial e cerca de 250 moradias uni-familiares com logradouro. Foram plantadas 790 árvores das mais variadas espécies que são, nos dias que correm, verdadeiras casas para cerca de trinta espécies de aves. Como afirmam no seu site www.novaoeiras.pt, «nova Oeiras pode considerar-se um oásis no concelho de Oeiras. Este é o local onde moramos. Um local único que tem de ser reavaliado, preservado e revitalizado. Nova Oeiras merece que, daqui a uns anos, as gerações vindouras herdem um património valorizado que só nós lhes podemos legar». Um sítio onde quem lá vive, gosta e preserva o seu espaço, tentando repensá-lo de forma a torná-lo sempre, e sempre, insubstituível e único. 🌱





OS
VERDES
ANOS
CAFEARIA
SALAO DE CHA

Acitamos
encomendas:
Bolo-Rei
Sonhos
Rabanadas

OS MEUS VERDES ANOS

Localizado em Oeiras, bem perto da Fundação de Oeiras, nasceu há cerca de três meses um refúgio que esconde um multifacetado salão de chá. No interior três ambientes distintos: a zona dos fumantes, a cafetaria e a zona de relaxe. Aqui os discos em vinil saíram do sótão e dão uma volta no gira-discos, blues foi a música escolhida para criar um ambiente revivalista. O espaço, nem é grande, nem é pequeno. Digamos que tem o tamanho ideal para aquilo que se pretende, saborear um cacau quente ou um sumo natural, tomar um café ou um chá ao som de música ambiente, enquanto folheia um livro ou revista.

texto de Ana Henriques
fotos de Carlos Santos

Nos seus verdes anos Ana Cristina Ferreira teve um espaço parecido com este “que na altura não resultou porque há 20 anos estava desfasado. Por isso, para mim isto é a realização de um sonho antigo.”

A escolha do sítio foi por mero acaso, o facto é que em dois dias, o casal, Ana e Eduardo apaixonou-se pela loja e foi desenvolvendo este projecto.

A decoração foi pensada ao pormenor, não faltam apontamentos de cor, discos, livros, jogos para os mais pequenos, ingredientes necessários para que os clientes se sintam em casa.

Mas vamos ao que de mais popular se pode provar: os chás e os scones. “Eu tenho um mega sucesso com os scones, sempre servidos com três variedades de doce. Dizem alguns clientes ingleses que é dos poucos sítios onde se come scones como em Inglaterra.”

Das tisanas que aqui são servidas com uma tacinha de mel, faça-se conta com as mais conhecidas: lúcia-lima, cidreira, preto e mais alguns se forem lembrando aquando do pedido. Esqueçam-se os menus fixos por aqui que as ementas são ajustáveis aos gostos e desejos dos clientes.

“O cliente é que me diz o que é que quer, servimos refeições ligeiras, temos as tostadas, as tostas são feitas em pão caseiro. Só as faço com azeite, em vez de manteiga e as pessoas têm gostado.”

Na clientela conta-se com gente de todas as idades, jovens casais, namorados, amigos ou então estudantes. Frequentemente visitam este abrigo para saborear scones quentinhos ou torradas com geleia, a acompanhar só mesmo o cacau quente da avózinha.

Mas as propostas d’Os Meus Verdes Anos não se ficam por aqui.



Para a próxima Primavera “vamos ter aqui uma esplanada interior, queremos dinamizar o lado cultural deste espaço, com pequenas exposições eventualmente workshops, provavelmente leitura de poesias. Há uma ideia que está ainda em águas mornas que é criar uma noite por mês de prova de vinhos e tertúlia.”

Nesta estação fria, aproveite a dica e prove também o fondue de chocolate, servido com três tipos de fruta do dia e uma tacinha de frutos secos.

Para os proprietários, Ana e Eduardo, tem sido “essencialmente um curso de gestão acelerado, em três meses.”

O balanço, esse é “claramente positivo porque o sonho concretizou-se está a decorrer dentro daquilo que nós esperávamos com as naturais dificuldades. Desejamos que seja uma casa de sucesso daqui a um ano.” 🍷

Horário de Inverno:

Segunda a quinta das 8h00 às 21h00

Sexta das 8h00 às 23h00

Sábados das 9h30 às 23h00

Domingos das 9h30 às 21h00

Rua Ernesto Veiga de Oliveira, loja 16-B

2780-052 Oeiras

Telefone: 21 441 46 37



Aquilino Ribeiro

(1885-1963)

texto de Célia Garrett Florêncio

foto gentilmente por CDI - Centro de Documentação e Informação da Câmara Municipal de Oeiras.

Aquilino Gomes Ribeiro, nasceu em Tabosa do Carregal a 13 de Setembro de 1885 e morreu em 27 de Maio de 1963, em Lisboa. Na verdade, este escritor beirão terá passado quase 30 dos seus 77 anos de vida no nosso município, onde terá escrito mais de metade dos seus cerca de 70 trabalhos, um deles inteiramente dedicado a Oeiras. A única monografia que Aquilino escreveu, foi em homenagem à terra onde viveu.

Entre 1918 e 1927 morou em Santo Amaro de Oeiras com a sua primeira mulher Grete Tiedemann, que conheceu em Paris e o seu primeiro filho Aníbal Aquilino Ribeiro (Presidente da Fundação Aquilino Ribeiro), no actual Largo Luís Pereira da Mota, nº 4. Com efeito aqui morou com a família em casa de 2 pisos, à qual pagava de renda mensal cem escudos.

Pelo menos 7 dos seus primeiros livros foram publicados no período da sua vida que viveu em St. Amaro, entre os quais o Romance da Raposa, dedicado a seu filho mais velho e único até então nascido.

Foi funcionário da Biblioteca Nacional, ao tempo em que era director Jaime Cortesão e diariamente se deslocava para Lisboa. No livro “Filhas de Babilónia” na dedicatória da 1ª edição, datada de 1920 refere: “diariamente palmilhava o percurso do alto de Santo Amaro até ao apeadeiro da Linha de Cascais para apanhar o “pouca terra” que, com paragens em todas as estações, o levava, após hora e meia, ao Cais do Sodré”.

Na qualidade de cidadão e activo munícipe oeirense encontra-se nos registos dos Bombeiros Voluntários de Oeiras, os livros de sócios do ano de 1927, a referência a Aquilino Ribeiro como sendo o sócio nº 466, com a quota de 2\$50 por mês.

A sua faceta de “homem de acção” manifesta-se com a participação, em 1927, na revolta frustrada contra a ditadura militar, que se seguiu ao golpe de 28 de Maio, sendo obrigado a refugiar-se em Paris.

Após o exílio, Aquilino, tem uma segunda fase de permanência no Concelho, na Cruz Quebrada, entre 1932 e 1952. Casado entretan-

to em segunda núpcias com Jerónima Dantas Machado, filha de Bernardino Machado, o presidente da república deposto por Sidónio Pais. É então na Cruz Quebrada, numa habitação do seu sogro, que vem a residir, mais concretamente, na Quinta de Santa Catarina, Rua Sacadura Cabral, nº 105, e onde cresceu o seu segundo filho Aquilino Ribeiro Machado, nascido em 1930. Neste período terão sido publicadas mais de 30 das suas obras, e 5 delas com referências à sua residência na Cruz Quebrada: Alemanha Ensanguentada em 1935, Caminhos Errados 1947, Cinco Reis de Gente, em 1948, Mónica em 1939 e a monografia Oeiras, em 1940.

Assinalado em Oeiras, com exposições bibliográficas e documentais, por ocasião do centenário do seu nascimento (1985), placa comemorativa na casa de Santo Amaro de Oeiras, e Jornadas Aquilinianas, em 1996-1997. Considerado por alguns, o melhor prosador do séc. XX, “o obreiro das letras”, como se chamava a si próprio, está sepultado, desde Setembro 2007, no Panteão Nacional. 🇵🇹

Oeiras
Marca

Oeiras
Marca o ritmo

